

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO**



1290005497



FE

UNICAMP

TCC/UNICAMP F956j

BÁRBARA RÚBIA DE OLIVEIRA FULCONI

JANELAS, CHAVES e FECHADURAS:

Entradas e travas da arte na educação infantil

PREZADO LEITOR

Ao retirar o material bibliográfico, você se torna responsável por ele. Esperamos que faça bom uso e que tenha cuidado pois se houver qualquer dano (rabisco, recorte, etc.) ou extravio do mesmo, você será o responsável pela reposição.

A DIREÇÃO

DEZEMBRO, 2010

UNICAMP - FE - BIBLIOTECA

20132672

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO**

BÁRBARA RÚBIA DE OLIVEIRA FULCONI

JANELAS, CHAVES e FECHADURAS:

Entradas e travas da arte na educação infantil

Monografia apresentada à Faculdade de Educação da UNICAMP, para obtenção do título de Bacharel em Pedagogia, sob a orientação da Prof^a. Dr^a. Ana Angélica Albano.

DEZEMBRO, 2010

2

UNICAMP - FE - BIBLIOTECA

UNIDADE:	FE
Nº CHAMADA:	TCC
	F956j
V:	EX:
Tombo:	5497
PROC.:	130,11
C:	D: x
PREÇO:	11,00
DATA:	11/04/11
COD. TÍTULO:	135433

**Ficha catalográfica elaborada pela Biblioteca
da Faculdade de Educação/UNICAMP**

Bibliotecária: Rosemary Passos – CRB-8ª/5751

F956j

Fulconi, Bárbara Rúbia de Oliveira.

Janelas, chaves e fechaduras: entradas e travas da arte na educação infantil / Bárbara Rúbia de Oliveira Fulconi. -- Campinas, SP: [s.n.], 2010.

Orientadora: Ana Angélica Albano.

Trabalho de conclusão de curso (graduação) – Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação.

1. Arte. 2. Educação infantil. 3. Performance. I. Albano, Ana Angélica. II. Universidade Estadual de Campinas. Faculdade de Educação. III. Título.

10-329-BFE

Profª Drª. Ana Angélica Albano
Orientadora

Profª Drª. Renata Sieiro Fernandes
Segunda leitora

Aos meus avós e aos meus queridos pais... Pois :

"O amor é paciente; o amor é bondoso; não é invejoso; o amor não é arrogante, nem se ensoberbece; não faz o que é inconveniente, não busca o seu interesse, não se irrita, não toma em conta a ofensa; não tem prazer na injustiça, mas se alegra com a verdade; ele tudo desculpa, tudo crê, tudo espera, tudo suporta. O amor não passa jamais." (I Coríntios 13).

AGRADECIMENTOS

Primeiramente, agradeço a Deus e Nossa Mãezinha pela força imensurável, pelo amor trino e por tudo que produzimos juntos.

A minha família pela educação, pelo apoio, pelo amor depositado e pela compreensão nas minhas ausências nos últimos tempos.

A professora Doutora Ana Angélica Albano pela orientação dada, pelo carinho, e principalmente, pelas chaves utilizadas, fechaduras rompidas e por todas as janelas abertas.

A professora Renata Sieiro Fernandes pela contribuição na escolha do tema, pela segunda leitura e acolhimento ao tema.

Ao Mathews pelo auxílio, pelo companheirismo e amor.

Aos amigos de ontem, hoje e sempre pela força, pelo encorajamento e o apoio: Lisa, Mari U, Carol, Maria, Cami's, Maycon, Enzo...

A Jaque pelo gravador emprestado e pela torcida.

A Natí pela noite do gravador, pela amizade e cumplicidade.

Às meninas da faculdade pela amizade, por toda essa jornada juntas e por todas as conversas intermináveis e deliciosas.

Ao II Seminário Internacional de Educação Estética por toda contribuição para as minhas idéias e sensações Entrelugares do Corpo e da Arte.

Ao Colégio Franciscano Ave Maria pela base sólida, acolhimento e compreensão.

As professoras que me acolheram, pessoalmente, em suas entrevistas e a Anna Marie Holm pela sua dedicação em responder minhas indagações.

A professora Fernanda pelo apoio, carinho e por disponibilizar suas performances que deram vida ao meu trabalho.

RESUMO

Descobrimos os caminhos da arte e trabalhando na educação infantil me atentei para algo: os professores de educação infantil estão a todo o momento em seu cotidiano lidando com a arte, pois: ora são excelentes contadores de histórias, ora são pintores, ora cantores, dançarinos... Isso porque para que realize sua função e seu trabalho de maneira satisfatória, é necessário entrar na vida e no coração das crianças, e para isso existem ferramentas, e uma delas é a arte, em suas múltiplas facetas.

Para tanto, é necessário pensar em um professor-criador, o qual precisa ter coragem de encarar uma realidade e oferecer as crianças aquilo, que muitas vezes, a sociedade não oferece. E pensar em não oferecer, não usar essa ação performática, significa oferecer uma infância sem aberturas de janelas... Sem janelas pra criação. No entanto, como isso surge? Como isso se mantém? As chaves e as fechaduras me auxiliam nas respostas as essas perguntas.

Assim, o presente trabalho tem como objetivo refletir sobre a ação performática dos professores de educação infantil, levando-nos a entender a relevância e a essencialidade da utilização da arte como ferramenta em nossas práticas cotidianas. Refiro-me "nossas" porque faço parte daqueles que educam na educação infantil. Faço parte desse sonho em formar herdeiros do futuro, dos quais seremos responsáveis por abrir janelas, utilizar chaves e romper fechaduras.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO – Um começo...	8
CAPÍTULO I – JANELAS	14
1.1 A poesia que fala ao coração das crianças (e aos nossos)...	21
1.2 Pensando e olhando a Educação Infantil com carinho...	25
CAPÍTULO II – CHAVES	29
2.1 Janelas abertas, chaves utilizadas...	35
2.1.1 Performance da Dona Benta	35
2.1.2 Performance da Iara	40
2.1.3 Performance do “Bumba, meu boi”	45
CAPÍTULO III – FECHADURAS	49
3.1 ... E para destravar as fechaduras?	53
3.1.1 As chaves precisam das fechaduras...	58
...As fechaduras precisam das chaves...	
3.2 Como se mantém as destravas de fechaduras?	59
3.3 A janela aberta depende...	62
CONCLUSÃO – Um Recomeço...	64
ANEXOS	
Entrevista N° 01	67
Entrevista N° 02	75
Entrevista N° 03	82
Autorização	86
BIBLIOGRAFIA	87

INTRODUÇÃO

Um começo...

Unicamp. Graduação de Pedagogia. Sala de aula. Cadeiras enfileiradas. Mesa do professor na frente. Lousa. Data show. Texto lido para discutir. Discussão em grupo. Discussão em roda. Aula expositiva. Aula no power point. Apresentação. Seminário. Conversas paralelas. Mente cheia. Corpo aparentemente quieto. Uma mão pressiona o lápis, a lapiseira, a caneta. A outra segura o caderno, mexe no celular, arruma o cabelo. As pernas se movimentam continuamente. Os pés ora tocam o chão, ora encostam-se à grade da cadeira. A cabeça volta-se para o professor, depois para o caderno, depois para lousa, depois para o professor de novo. Os ouvidos atentos ao professor. A boca ora contribui, ora não se atreve.

Eu passei o período todo da Graduação nesse estilo de aula, nesse estilo de aluna, e nesse contexto, amei e me apaixonei por Psicologia, até que então, conheci a psicologia moral e me encantei com a maneira única com que tal tema pode se entrelaçar com a área da educação infantil. A educação infantil, a meu ver, é essencial na formação de todo ser humano, e quando digo essencial, não digo única (me remetendo a única fase escolar importante ao longo da vida), no entanto, penso que faz muita diferença para a criança ter feito ou não um curso infantil de excelência. Isso porque é a fase da transformação, da formação da base do indivíduo, do desenvolvimento de valores, habilidades, competências, limites e etc. A psicologia moral, em uma de suas diversas atuações, trabalha esses valores e auxilia na construção de limites, e foi nessa parte que, especificamente, me encontrei. Depois de ler alguns capítulos do livro “O educador e a Moralidade infantil, uma visão construtivista”, de Telma Pileggi Vinha, eu decidi o tema em que iria basear uma pesquisa: “A moralidade infantil e a construção de limites na educação infantil”, já sabia porque me interessava pelo tema, qual público estaria envolvido, onde pretendia pesquisar e etc.

Estava tudo decidido até que... Em uma bela manhã de sexta-feira eu conheci uma disciplina denominada Educação, Corpo e Arte, ministrada pela Prof^a. Dra. Ana Angélica Albano. Era sexto semestre da Graduação. Sala ED 03. Piso de madeira. Cadeiras encostadas no fundo da sala. Colchonetes. Roda de conversa.

Alongamento. Relaxamento. Música. Ritmo. Dança. Palavras. Amar. Odiar. Criança. Adulto. Histórias. Imaginação. Criatividade. Encenação. Teatro. Mente e corpo. Corpo e mente. Corpo? Sim! Corpo. Corpos que se movimentam. Corpos que falam. Corpos que dizem tudo. Corpos que falam sozinhos. Corpos que falam juntos. Mãos que se movimentam. As duas juntas, as duas separadas. Uma de um lado, uma do outro. Uma para cima, outra para baixo. Mãos que dão sentido aos movimentos, ou que se movimentam sem sentido. Mãos que ora são protagonistas da ação, ora nem são notadas. Pés que se encontram com as mãos. Pés que ajudam no caminhar. Pés que fazem barulho. Pés que silenciam o ambiente. Pés que se encontram, pés que se separam. Pernas que andam. Pernas que correm. Pernas que dançam. As mesmas pernas que dão forma ao movimento mais involuntário, descobrem o que são capazes de fazer quando se tenta fazer. Cabeça que se move em diversas direções. Ora está nas mãos, ora nos pés, ora nas pernas, ora apenas observando. Mente que relaxa. Mente que pensa. Olhos que enxergam. Olhos que buscam coisas novas. Reflexo do sol. Borboleta pousando. Performance. Vídeo. Ouvidos que se atentam, apenas. Ouvidos atentos a professora, aos colegas, as outras salas. Bocas que se movem, ao mesmo som. Em sons diferentes. Bocas que falam, reclamam, criticam, e se silenciam. Mente e corpo que têm o direito de se expor, se expressar e um lugar pra se manifestar. Corpo que se movimenta é mente que pensa.

Foi assim que tudo começou a fazer sentido e as aulas começaram a causar efeito na minha vida, e mudar os meus pensamentos, sobretudo na área que desejava pesquisar. Na realidade, eu permiti que as minhas janelas da alma se abrissem, e entrei em um processo de educação do meu próprio olhar, consegui enxergar além daquilo que via. Na sala ED 03 eu dancei, eu andei, eu fiz ciranda, eu atuei, assumi diferentes papéis, contei e ouvi histórias, assisti filme, aprendi a compreender os diferentes olhares dos meus colegas, conheci alguns artistas, eu, sobretudo refleti sobre a minha prática. Ali, como Adriana Pacheco (2008, p.4) também comenta em seu trabalho de conclusão de curso, "Janelas da alma", existia espaço para relembrar, ver e falar do meu próprio percurso; espaço para as coisas não dizíveis, que se tornavam dizíveis, na revelação do meu íntimo à medida que o íntimo do outro era revelado; no dançar dos tecidos, na personificação dos objetos,

no identificar aquilo que gosto e que não gosto e, sobretudo, no fechar os olhos e ainda assim conseguir ver, ou até mesmo enxergar aquilo que muitos não são capazes.

Era uma aula fora do padrão de todas as aulas que já tivera na Faculdade de Educação no curso de Pedagogia. Não tinham cadeiras, textos pra discutir, grupos estabelecidos; sentávamos no chão, a cada sexta-feira trabalhávamos com pessoas diferentes e esse diferente, não precisava, necessariamente, se identificar com você, uma vez que na arte as diferenças se completam e aí tudo, exatamente tudo, se torna mágico. “Enquanto espaço físico, a sala 03, possibilitou o aprendizado com as coisas, que é a educação que recebemos dos objetos, das coisas e da realidade física, nos tornando corporalmente aquilo que somos e que podemos ser, educando assim, a nossa carne, como forma do nosso espírito. Esse tipo de aprendizado não é algo que podemos esquecer como o aprendizado das palavras. Ele é rígido e inarticulado (...) “. (PACHECO, 2008, p. 39). E será que não é essa aprendizagem que desejo passar para as crianças que um dia poderei chamar de “minhas”? E será que o que desejo não é pesquisar sobre essa aprendizagem, sobre essa forma de olhar o mundo e como passar isso para as crianças?

Essa foi uma mola propulsora, porque quando algo se torna reflexivo, é porque em alguma parte do processo fez sentido. O sentido existia porque comecei a encaixar tudo que ali vivenciava com o que faço, com o que vi fazendo, com o que fiz e com o que poderia fazer em um ambiente de educação infantil. E no meio dessa miscelânea de sentidos, eu encontrei algo novo para pesquisar: a pluralidade de papéis que assume um professor¹⁻² de educação infantil e em conversa com a Prof^a. Renata Sieiro, cheguei a conclusão, que estava me referindo a ação performática dos professores de educação infantil, que ora são excelentes contadores de histórias, ora são artistas, ora cantores, dançarinos... O professor dessa fase escolar, para que realize sua função e seu trabalho de maneira

¹ No segmento da educação infantil a maioria dos profissionais é de gênero feminino, entretanto, o termo professor será usado, pois minha intenção é pesquisar essa pluralidade de papéis que independe de gênero.

² O termo professor será mantido, ao invés de educador, uma vez que minha pesquisa se baseia no espaço escolar, e não na extensão de lugares que também pode ocorrer educação infantil.

satisfatória, é necessário entrar na vida e no coração das crianças, para isso existem algumas maneiras e uma delas é a arte, em suas múltiplas facetas. E estudar essa multiplicidade me instiga e me provoca, de fato, acho um tema interessante e de certa forma, inovador, isso porque existem diversos trabalhos que envolvem a arte e a pedagogia, no entanto, não há publicações, que, especificamente, tratam do tema escolhido. E está aí outro ponto que me motiva, saber que posso refletir e pesquisar sobre um olhar diferenciado na educação infantil, uma nova maneira de 'desenhar' essa construção do professor. Ademais, finalmente, o tema se encaixa no que gosto, no que vivo, no que acredito e, sobretudo no que eu quero ser...

É importante ressaltar a falta de disciplinas destinadas a conteúdos da arte, já que a disciplina Educação, Corpo e Arte é única e exclusiva de apenas um semestre dentro de um curso que possui oito semestres para serem cumpridos. Isso de certa forma prejudica aqueles que se interessam pelo tema e necessitam de embasamento para elaborar e investigar processos nessa área. E se o "homem está eternamente estabelecendo uma correlação entre si mesmo e o mundo, atormentado pelo anseio de atingir um ideal que se encontra fora dele e de se fundir ao mesmo (...)". (TARKOVSKI apud PACHECO, 2008, p.7); e nós, profissionais da educação, sobretudo aqueles que se destinam a educação infantil, os quais iremos viver, diretamente, com essa correlação, não seria necessário muito embasamento na área da arte, a qual possibilita entender e viver essa relação entre "você e o mundo" ?.

Mesmo sendo a única disciplina de conteúdo de arte que terei na faculdade, já me sinto privilegiada, uma vez que mesmo sem saber se tinha dom ou não, atravessei as barreiras do senso comum e me enxerguei professora de educação infantil de uma outra maneira, me enxerguei uma professora-criadora, isso porque a sala ED 03 era um terreno fértil para florescer a criatividade, e ali, abandonei o delimitado, o fixo, as regras, e transgredi para poder florescer, assim como sugere Campbell (1990). E, então, percebi que, mesmo que em pouca quantidade, existiam professores da primeira infância³ que usavam da arte e colocavam em cada ação uma performance, a qual dependia de sua intenção, uma vez que, assim como

³ Quando nos referimos a primeira infância, estamos nos referindo às crianças de 0 a 6 anos.

afirma Ana Angélica, arte é dar forma a uma intenção, seja sob a forma da música, dança, teatro, desenho... Dessa forma, o tema da pesquisa teve significado e a arte “não é apenas o conhecimento sensível ou mesmo a beleza, - é inteireza, significação” (LEITE E OSTETTO, 2004, p.23). “É o espelho onde nos vemos refletidos, ao mesmo tempo em que amplifica e reflete o mundo para que o observemos melhor” (ALBANO, 2004, p.34). E pode o profissional da primeira infância começar a desenvolver esse “observar melhor”, olhar as crianças com olhos da arte e fazer disso significado, percebendo que as crianças dizem através da arte, quando ela lhes é permitida.

Dessa forma, não é fácil se tornar um professor-criador é, sobretudo, ter coragem de encarar uma realidade e oferecer aos pequenos⁴ aquilo, que muitas vezes, a sociedade não oferece. E pensar em não oferecer, não usar essa ação performática, significa oferecer uma infância sem aberturas de janelas... Sem janelas pra criação. E por que oferecer sem janelas? Talvez por que os professores não tenham vivido o cerne da arte e não há como oferecer aquilo que não vivenciou, aquilo que não gosta, aquilo que não se tornou, é como Albano Moreira disse “não podemos encorajar o outro a viver uma aventura que nós mesmos não vivemos. Pelo contrário, queremos que o outro também experimente aquilo que nós vivenciamos e que para nós foi significativo” (1984). Por isso, como reflete Trierweiller (2008), que em muitas escolas, no curso infantil, os trabalhos artísticos com os pequenos, não são explorados, ou nem mesmo chegam a existir, pois a maioria dos professores acredita que por se tratarem de crianças pequenas não conseguem manusear instrumentos, pegar o ritmo e etc. E quando produzidos não são expostos e apreciados com a devida atenção, ou ainda, são confeccionados pelos adultos, os quais não possibilitam a experimentação e descoberta dos pequenos. A arte em si, muitas vezes, é barulhenta, bagunceira e faz sujeira; e professores, sobretudo os da educação infantil não podem e não desejam perder o controle da situação. Mas, que controle é esse? Que situação é essa? Será que a bagunça é bagunça mesmo ou será que essa bagunça é tudo aquilo que foge ao padrão? E o barulho? Será que não é todo tom que foge ao estereótipo que as

⁴ O termo ‘pequenos’ é utilizado para dar vida aos que fazem parte dessa primeira infância.

peessoas criaram sobre o tom agradável? A arte, seja ela qual for, é pra ser vivida, curtida, utilizada; ela dá vida aos sentidos e esses quase nunca ou nunca são estereotipados e padronizados. Portanto, o primeiro passo é acreditar que esse barulho, essa bagunça e essa sujeira não o são de fato, uma vez que significam e resignificam. Isso seria abrir uma fresta da janela da alma, para mais tarde compreender que ali há uma intenção e nessa intenção há um ideal... No entanto, como isso é construído?

Por conseguinte, pensar nesse professor-criador, que usa de sua ação performática para, sobretudo ensinar é também pensar na viabilidade de refletir a arte como grande significância para o desenvolvimento dos pequenos e, ademais é pensar também na necessidade de repensar essa arte como base epistemológica para uma pedagogia da infância. Portanto, a relação professor/criança/arte é demasiadamente importante para essa fase escolar e para passar batido aos olhos desse professor, que aos poucos revela que esse ser adulto tem muito da criança que um dia foi e a arte é o fio condutor para essa descoberta. Uma vez que segundo Jung, “no adulto está oculto uma criança, uma criança eterna, algo ainda em formação e que jamais estará terminado, algo que precisará de cuidado permanente, de atenção e de educação” (JUNG apud PACHECO, 2008, p.71).

Chego até aqui para dizer que esse trabalho de conclusão de curso se divide em três capítulos. No primeiro, denominado ‘janelas’, retrato a abertura para esse mundo de janelas abertas, pensando na importância da arte na educação infantil. No segundo capítulo “chaves”, converso sobre as chaves, que são as próprias facetas da arte, inclusive descrevendo performances. E, por fim, o terceiro dá vida a esses professores corajosos, os quais não permitem que as fechaduras existam, utilizando, assim, as chaves ao fazerem as performances, e, portanto, dialogo com as possibilidades de como essas surgem e se mantêm.

CAPÍTULO I

JANELAS

E assim é pensada a arte para a Educação Infantil...

A vida é uma grande amiga da gente
Nos dá tudo de graça pra viver
Sol e céu,
luz e ar
Rios e fontes,
terra e mar
Somos os herdeiros do futuro
E pra esse futuro ser feliz
Vamos ter que cuidar
Bem desse país
Vamos ter que cuidar
Bem desse país
Será que no futuro haverá flores?
Será que os peixes vão estar no mar?
Será que os arco-íris terão cores?
E os passarinhos vão poder voar?
Será que a terra vai seguir nos dando
O fruto, a folha, o caule e a raiz
Será que a vida acaba encontrando
Um jeito bom da gente ser feliz?
Vamos ter que cuidar
Bem desse país.
Vamos ter que cuidar
Bem desse país
(Herdeiros do Futuro- Toquinho)

Essa música foi tema de uma das festas de final do ano do Colégio em que trabalho como auxiliar de coordenação do curso infantil e ao escutar a letra, iniciei um processo de tamanha reflexão acerca da prática do professor, sobretudo professores de educação infantil. Refiro-me a esse segmento porque a criança da primeira infância, ou seja, da idade de 0 a 6 anos, é um ser aberto e disponível, capaz de ser contagiado e influenciado com muita facilidade. Pensemos nessas crianças como seres que vivem ao redor de janelas fechadas, as quais são janelas que se abrem para o mundo. Aqueles que com crianças convivem têm a responsabilidade, o cuidado e a delícia de poder abri-las. É gratificante para quem se interessa, é mágico para quem deseja, é transformador para quem se arrisca...

A educação infantil é assim e quem se dedica a ela, tem que se dedicar a janelas, ao trabalho dessas janelas, as quais se abrem para o mundo, para o aprender a viver, a conviver e a cuidar desse. Os pequenos fazem parte da esperança de um futuro, a esperança depende de uma infância com janelas abertas para realidade e para imaginação. As crianças, embora muitos não reconheçam – e digo até de algumas escolas -, são como bem apresenta Toquinho, os Herdeiros do Futuro. Sim, HERDEIROS DO FUTURO! Aqueles que podem transformar uma sociedade e têm como missão cuidar, preservar e manter muito bem esse país.

A letra de Toquinho por si só é explicativa e reflexiva, traz a idéia de cuidar do meio ambiente, do aprender a importância do preservar hoje, para ter algo amanhã e se torna ainda mais comovente quando o ator utiliza o verbo “somos”, colocando as crianças como compositores, artistas, como personagens principais. O que me marca é:

*“Somos os herdeiros do futuro
e pra esse futuro ser feliz,
vamos ter que cuidar bem desse país!”.*

“E pra esse futuro ser feliz”... Porque vai além do trabalho com o meio ambiente, serve para construção de uma vida, de uma história de esperança e de uma responsabilidade e confiança tamanhas depositadas naqueles que fazem parte, hoje, da vida desses herdeiros. Os professores fazem parte – e eu diria uma grande parte - e penso que muitos daqueles que escolhem a profissão, compartilham a mesma idéia de que essas crianças já são e serão transformadores de realidade e a partir disso olham suas crianças como herdeiros do futuro.

Se todo professor, sobretudo aqueles da primeira infância, reconhecessem suas crianças com esse olhar de “herdeiros de futuro” e voltassem as suas práticas para o enriquecimento desses herdeiros, ou seja, confiassem no potencial deles, acreditando de fato que esses podem construir um futuro melhor; muito certamente nos aproximaríamos de uma educação comprometida socialmente e principalmente, comprometida com a vida. Entendamos que acreditar que eles têm um grande potencial e que podem construir um futuro melhor, não significa deixa-los com as janelas fechadas, acreditando na capacidade de cada um em abri-las. No fundo,

quem abre são eles próprios, mas dependem da nossa ajuda, do nosso olhar aprimorado, da nossa chave escondida e mal explorada. Porque para a criança basta a vontade e para o professor basta a coragem.

É perceptível o fato de que, geralmente, isso não ocorre e facilmente encontramos professores pouco comprometidos com o ensino, com a abertura dessas janelas e, sobretudo desiludidos com o futuro de suas crianças. No entanto, não é este tema que quero explorar. Focalizo a parte mais bonita, me atento à esperança, às janelas e às chaves.

Penso nessas chaves, quais seriam essas? Onde estão as chaves que abrem as janelas para o mundo? Os professores as têm, muitas vezes nem sabem, nem se dão conta. As chaves estão dentro deles, precisam, apenas, ser descobertas. O que seria aquilo que desvenda nosso olhar para o mundo? O que seria aquilo que nos permite ver pela e através das janelas? O que seria aquilo que está escondido dentro de nós mesmos?

Na caminhada para chegar a respostas, penso em como foi abrir as minhas janelas, quais foram as minhas chaves. Primeiro, lembro que foi o desenho, ainda muito criança, gostava muito de desenhar e pintar, seja com que material fosse e era muito apoiada nas minhas pequenas obras. Em segundo, foi o jazz, através desse estilo de dança eu desvendei limites do meu próprio corpo e a cada coreografia dançada, era uma janela aberta. Terceiro, foi a disciplina EP158, “cujo objetivo é promover vivências que possibilitem aos alunos reverem e resignificarem sua relação com a arte” (ALBANO, 2010a, p.27) ministrada pela professora doutora Ana Angélica Albano, na qual transpassei barreiras e recebi a maior parte das chaves, as quais me abriram diferentes janelas, dos mais variados tipos. As flores passaram a me encantar, o cinema, o teatro, uma simples música sussurrada por uma colega de trabalho, parecia o maior acontecimento. Lembro-me o dia em que escrevi:

“Meus olhos estavam na pista que eu tinha que percorrer, nos carros a minha volta, nas sinalizações que tinha que dar para continuar o meu trajeto, nos radares que poderia encontrar pelo caminho. Mas, a minha atenção não estava ali. Minha atenção estava no sol refletido no vidro do meu carro. Eram sombras que formavam imagens; imagens sem formas e que se alternavam entre o total claro e o total escuro. Aquelas imagens que se formavam me traziam paz, calma... Mas, quando olhei para enxergar de onde vinham essas imagens, eu encontrei o sol... Como o sol, embora não consigamos vê-lo, é bonito!!! Me senti uma ignorante por nunca ter olhado para o céu e visto a grandiosidade e a maravilha que é o sol. Como nunca tinha reparado nisso? Ele está ali quase todos

os dias a enfeitar o nosso céu e nunca me dei conta de como ele é alegre e pacífico. Nessa hora, eu exclamei sozinha: 'Que obra de arte!'. E depois de exclamar, o vazio, a falta de algo e a lágrima que cai. Não era de tristeza, mas de emoção. Se foi o vazio ou a beleza eu não sei dizer, mas é fato que algo me tocou." (Caderno de campo, 05/05/10)

Ou ainda quando num outro dia, pouco depois, escrevi:

"Era quase noite e eu não teria aula na Unicamp, estava cansada de tantas leituras e de um dia cansativo no Colégio. Não tive vontade de fazer nada, tomando um copo de água sentada na mesa da sala a vontade veio. Depois da água terminada, estava com um lápis na mão, o qual havia me acompanhando nas leituras. Bater o lápis em um copo qualquer fazia diferentes barulhos. Se batesse devagar com a ponta do lápis, fazia um som hipnotizador, que me relaxava e me deixava com vontade de tirar uma soneca. Se a batida era mais rápida, reproduzia um som frenético, que me dava vontade de criar ritmos e dançar. Eu comecei me remexer na cadeira, quando levantei e fiz disso uma dança, ninguém me via, mas não me era necessário. O desejo era meu, a intenção era minha, e a vontade veio. Eu tava com vontade de dançar, mas não era qualquer dança, era aquela, sem passos, sem regras, que dependia somente de mim, da minha ânsia e do meu desejo de começar e terminar. Eu só conseguia sorrir, as pontas dos meus lábios faltaram chegar às orelhas, de tanta alegria que continha cada parte do meu corpo". (Caderno de campo, 16/06/10).

E até a decisão de voltar para o jazz:

"Era uma 4ª feira, eu não tive aula na Unicamp, minha irmã me pede para ir buscá-la na academia de dança. Eu fui, e quando já estava quase no horário da aula dela terminar, ela me liga e diz: 'Babi, entra para ver uma coreografia, você vai amar'. Eu e minha irmã, diria quase a família toda, sempre fomos amantes da dança cada qual com suas preferências, em particular, eu e ela nos identificamos com o jazz, ela sabia que eu iria gostar. Eu entrei, assisti, e disse:

- Eu amei, quero voltar a dançar rápido...

- Volta!!!! Dança com essa turma, é fácil, você paga rápido - ela me respondeu toda entusiasmada.

- Não, Ná (a forma como a chamo), tenho muitas coisas pra cumprir esse semestre na Unicamp e estou sem tempo.

- Babi, a gente arranja tempo pra dança, você sabe...

- Mas, de que dia que é? - perguntei.

- É de segunda e quarta, nesse horário.

- Ah, então, de segunda eu posso, mas de quarta, tenho aula.

- Ah! Combina com o pessoal para você vir só um dia. Ah, vai ser legal, você dançar de novo.

- Ah acho que não. Deu vontade, mas é muito arriscado.

Passada a semana toda, na outra segunda-feira, ela chega da academia e diz:

- Conversei com a Tia Lú (dona da academia) e com o Mano (professor da turma) e tudo bem de você fazer só um dia por semana, que você pega rápido.

- Ah, não acredito! Você fez isso? - eu estava feliz, mas um pouco indignada.

- Sim!

- Ai Na, acho que não, será?

- Claro, Babi! A dança faz bem pra você e você precisa desse tempo que é só seu.

Ela ganhou, não precisou falar mais nada. Era fato que a dança me fazia bem, me fazia não, me faz bem! Mas, fiquei um pouco impressionada como muito nova, ela conseguiu encaixar as palavras, as quais eu precisava ouvir "a dança faz bem pra você e você precisa desse tempo que é só seu.". Mais do que a dança me fazer bem, eu precisava desse tempo." (Caderno de campo, 20/09/2010)

É a arte fazendo sentido em mim... Então quando as perguntas são: O que seria aquilo que desvenda nosso olhar para o mundo? O que seria aquilo que nos permite ver pela e através das janelas? O que seria aquilo que está escondido dentro de nós mesmos? Essas chaves são a arte. A arte está dentro de cada um, só nos resta descobriremos e utilizarmos. Só resta os professores descobrirem que a partir da arte eles podem formar na inteireza, uma vez que como aponta Caroline Silva (2003, p.62) "Não trabalhamos com arte para formarmos artistas, para formarmos seres humanos melhores! É isto!". Logo:

"arte - educação não significa o treino para alguém se tornar um artista, não significa a aprendizagem de uma técnica, num dado ramo das artes. Antes, quer significar uma educação que tenha a arte como uma das suas principais aliadas, Uma educação que permita uma maior sensibilidade para com o mundo em volta de cada um de nós." (DUARTE apud CARVALHO, 2009, p.4).

O desafio é muito bem apontado por Albano (2010a): levar os professores a reconhecer este lugar "sem lugar" da arte.

A arte é tida, geralmente, como uma atividade aristocrática, que atende e atinge as classes privilegiadas, como algo misterioso que necessita de dom, sendo assim, inatingível a alguns. Atualmente, estamos preocupados com o grau de utilidade das coisas e das ações nas relações humanas e para algo valer a pena, precisa ser, aparentemente, útil. Isso se reflete também no modo como encaramos a produção de conhecimento: a filosofia, a ciência e os conhecimentos práticos são vistos como muito mais importantes em detrimento da experiência estética e do conhecimento artístico. Logo, nosso mundo tecnológico e pragmatista não "têm tempo" para a arte.

Por essa e outras razões é que a disciplina de arte e a própria arte, geralmente ocupam um caráter secundário nas escolas. E a idéia de que a arte é dirigida para as classes mais favorecidas, nega, por conseguinte, o direito e a possibilidade dela ser construída e mediada; e a coloca em um jogo de interesse “e a arte está acima do interesse e nos põe acima das preocupações do útil” (DETTONI, 1991, p.21). A arte, portanto, não é enfeite para meros eventos decorativos, ou para deixar o trabalho mais bonito (embora deixe) e como bem nos coloca Albano (2010a, p.34), ao invés de ser a cereja do bolo, é o fermento que faz a massa crescer; pois a educação estética é tão fundamental quanto à educação técnico-científica. Um tipo de educação não exclui a outra, pois:

“Uma educação pela arte não é forçosamente anti-científica, pois a própria ciência depende da clara manifestação dos fenômenos sensoriais e é forçosamente retardada pelos jogos da linguagem.” (READ, 1968, p.33).

A relação entre a arte e a escola, seja de qual segmento for já, é por si só, conflituosa. Enquanto a escola quer padronizar ações e comportamentos, se aprisionando no cumprimento de grades curriculares, a arte quer liberdade, quer expressão, quer vãos mais profundos. Assim, enquanto a escola deixa as travas na janela, a arte vem com as chaves que permitem abri-la. A educação, especialmente a educação infantil, precisa ser abrangente, plena de possibilidades, de opções, de idéias, de liberdade. Se o sistema escolar desumaniza, a arte traz a chance de humanizar, pois Dettoni (1991) afirma que para a educação ser humana e não ser deseducativa, ela precisa ser estética.

Dessa forma, se faz importante pensar na arte não como instrumento da educação na primeira infância, mas sim como a educação, a base epistemológica da pedagogia da infância. E, então, me faz pensar o porquê de sua importância, o porquê da necessidade da arte ser a própria educação em uma pedagogia voltada para os pequenos. Uma idéia que me apodera é que a arte como patrimônio cultural da humanidade é um direito das crianças. A arte possibilita uma infância com janelas, e se existe a trava, está nas mãos também dos professores abri-las e ter uma infância com janelas abertas para o mundo é direito de todos.

Na educação Infantil existe um mundo, que é o mundo das crianças, cheio de inseguranças, medos, irritações, inquietações, birras e manhas, mas também é o mundo do sorriso, do fazer nada e ali criar, do inventar, do conto de fadas, da imaginação, da brincadeira, enfim, o mundo das imagens, no qual as linhas, cores, formas, texturas, sons, objetos dão vida a uma maneira de comunicação entre a criança e o mundo que está sendo descoberto e apresentado por e para ela. Portanto, se estamos trabalhando com essa primeira infância, e a intenção é que as crianças nos entendam e vice-versa, precisamos entrar nesse mundo, que é deles e que não pensa em produzir arte, é artístico por conta própria, afinal, “a criança nesta idade pensa poeticamente” (ALBANO MOREIRA, 1984, p.39). E o mais lindo e impressionante é que ela (a criança), quando faz sua performance no espaço, não pensa em ser poética, ela simplesmente o é, sem consciência de tal. Aqui lembro-me da resposta da Anna Marie Holm quando lhe perguntei: “Qual a sua lembrança mais antiga em relação a atividade artística? E ela me respondeu: “Eu acho que você quis dizer a primeira atividade artística consciente? Ou seja, anterior a essa que ela iria descrever, vieram tantas outras inconscientes, das quais ela mesma não se deu conta que era uma atividade artística.

Assim, a primeira infância é marcada pela necessidade da arte. As crianças têm fome de exploração; o desejo e o direito de investigar o mundo de maneira lúdica, sensorial e simbólica. Ademais, elas precisam ter experiências com as linguagens artísticas porque, como afirma Albano, são essas que possibilitam, com maior fidelidade, a expressão do pensamento simbólico. Esse é o pensamento que opera nessa faixa etária – dançar, se expressar, pintar, recortar, colar, pregar, modelar com todos os tipos de materiais. A arte como área de conhecimento, ou seja, uma forma de representação e expressão que opera a partir das linhas, cores, formas, texturas e sons concilia-se com essa fase. Isso porque possibilita as crianças expressarem coisas pelo indizível, tudo aquilo que elas têm dificuldade em dizer e expressar por palavras ou que os adultos têm dificuldade de entender. Simplesmente, nos faz chegar ao que faz parte do mundo dos pequenos, uma vez que como bem retrata Albano (2004) a arte pode ser considerada como “uma forma de comunicação que serve para dizer o que as palavras não dizem” (p.31) e não seriam capazes de dizer.

A arte como linguagem vem para entender a criança, para desvendar cada história de vida, cada experiência, compreender os ataques e teimosias, mostrar que o estético e lúdico são irmãos (DETTONI, 1991, p.24), trazer o mundo da liberdade, do diálogo, do relacionamento com o outro, da ocupação em detrimento da preocupação; a arte vem "transportar-nos para além dos limites da realidade cotidiana, para um tempo e um espaço onde tudo é possível" (ALBANO, 2010b, p.57), sendo assim, um método de experimentação, de viver e experimentar como define Holm (Entrevista Nº 03,04/10/2010). O mundo da experimentação é o mundo pintado pela infância, no qual pensamento – sentimentos – sensação – percepção ainda operam integrados (Albano, 2004), sem a possibilidade de dissociação. Quando pensamos em primeira infância e arte, pensamos na formação do sujeito na inteireza, assim,

"(...) falar do papel da Arte na Educação Infantil é destacar sua essencialidade na constituição da criança como sujeito, que se humaniza pela linguagem e na cultura e constrói sua identidade cultural, ao mesmo tempo em que se individualiza como ser único. A arte é uma forma de conhecimento extremamente próxima à maneira sensível, estética, sensorial de estar no mundo das crianças (...)" (DIAS, 2004, p. 485)

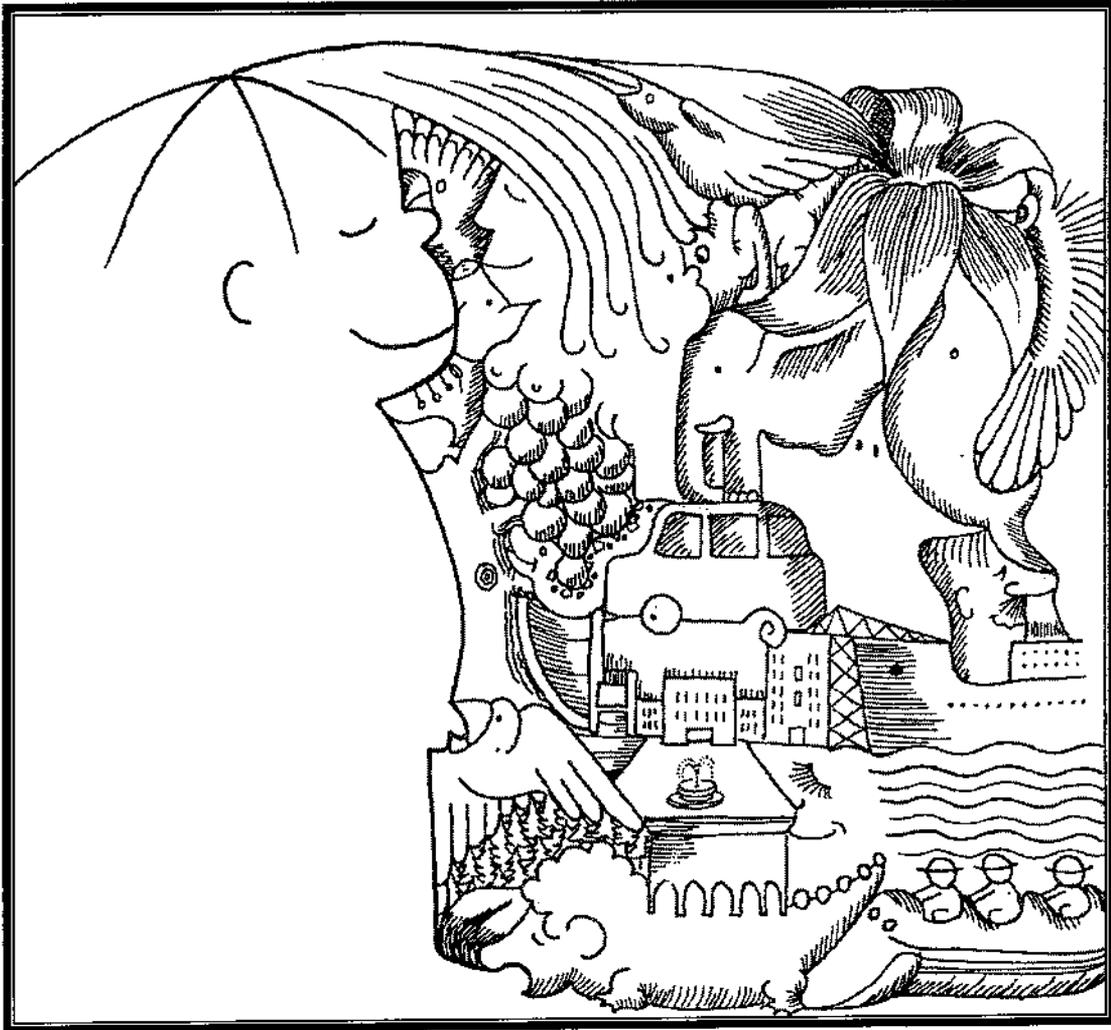
E, portanto, entender "a arte como um **modo de ver e dizer** de si e do mundo" (ALBANO, 2004, p.30), que é o que as crianças pequenas necessitam.

1.1 A poesia que fala ao coração das crianças (e aos nossos)...

A apropriação do mundo pelas crianças da primeira infância se dá a partir de uma relação sensorial e estética, num processo em que tudo o que lhe for oferecido, experiências, vivências e sensações serão de grande valia e de fundamental aprendizado. Quando penso e digo sobre a abertura das janelas, penso e digo que as crianças precisam conhecer a vida, conhecer o mundo, o mundo externo e entrar em contato com o mundo interno, com o mundo das imagens, sons, cheiros, da imaginação. A forma como esses mundos serão descobertos e desvendados faz parte das experiências estéticas proporcionadas, que é aquele "tipo de experiência

que envolve razão e emoção, onde o sujeito participa de corpo inteiro” (ALBANO, 2004, p.30). Então, a expressão artística na criança é um ato que corresponde a uma necessidade psíquica, motora e estética, portanto, uma necessidade do próprio desenvolvimento saudável.

A arte dá expressão ao sentir, o que muitas vezes não é acolhido, embora seja de uma essencialidade tamanha quando pensamos na primeira infância. A educação dos sentimentos que a arte acompanha e proporciona a educação da humanização, é a educação para as crianças, principalmente, para aquelas que pouco se interessam pelas janelas, ou que poucos têm acesso a janelas, ou ainda, para aquelas que são, por exemplo, introvertidas e têm receio de se aproximar delas. Portanto, a educação infantil pode e deve ser o espaço e o tempo de a criança exercitar a sensibilidade, e se perceber como sujeito sensível e ativo, mergulhado no mundo das múltiplas facetas da arte. Assim, a arte para os pequenos é uma oportunidade de pensar em experiências que possam abrir os sentidos e as percepções para o reconhecimento de si, do outro e do mundo, dando tempo necessário para emergir tudo o que for necessário ser descoberto como bem retrata Albano (2010) e Tonucci em sua imagem (abaixo) *“a pele: limite entre eu e o mundo”*.



(TONUCCI, 1997, p. 34)

A arte é a poesia que fala ao coração dos pequenos e também aos nossos corações, pois nunca vou esquecer do dia em que um texto escrito por um professor de arte me tocou. Era um texto, certamente, em formato de obra, de criação magnífica, tão magnífico ao ponto de me reconhecer como pessoa, como ser criador, com ser que é e existe. A arte nos leva a ver com os olhos do coração e na criança pequena isso é muito claro, é a maneira mais bela de abrir janelas. Portanto, a maior razão em juntar arte na educação e com a infância é a necessidade de não dissociar o artista da criança, uma vez que:

“Os pequenos nos convidam a experimentar

Eles têm a arte dentro de si.

Eles criam arte.

Eles nos dizem algo

23

Algo que perdemos.
Algo atraente e sedutor.
Algo que reconhecemos.
E que não podemos explicar.
Tudo é muito maior.

Para as crianças pequenas existe uma conexão direta entre vida e obra. Essas são coisas inseparáveis. “

(HOLM apud PACHECO, 2008, p. 65)

A arte está dentro deles, nessa poesia que fala ao coração, nessa poesia que abre a imaginação, permitindo vislumbrar novas maneira de ver o mundo, a qual muitas vezes está perdida em nós. No entanto, se isso precisa ser aberto nas crianças, elas precisam disso. Primeiro porque não existe uma barreira entre fazer ou não arte, para elas é continuidade, “a criança vive em continuidade, a arte não começa, a arte não termina” (PRICE ⁵), não há uma hora de fazer arte, a arte simplesmente acontece, assim como Holm coloca: “(...) Eu penso que crianças no jardim da infância não entendem se existe uma parede entre arte e a vida. A criança conecta vida e arte. A maneira como uma criança pequena se aproxima do mundo é artística, ela vê isso como algo natural. Com a espontaneidade e a sensibilidade, crianças são naturalmente capazes de estarem num ambiente indeterminado. Com a arte, uma inesperada experiência sensorial ocorre.” (Entrevista N° 03, 04/10/2010)

Em segundo lugar porque a arte simplesmente faz parte do desenvolvimento de uma série de habilidades e competências necessárias para a construção de um ser na inteireza e para o mundo a ser descoberto. Podemos pensar, então, em diversas habilidades que as múltiplas facetas da arte podem possibilitar para as crianças, essas que vão desde manuseio e exploração de diferentes materiais até, por exemplo, a capacidade de expressão pessoal e de leitura do mundo. Os materiais e as atividades artísticas, quando bem trabalhados, possibilitam o desenvolvimento de habilidades como: discriminar sons, dançar livremente, rasgar, cortar, pregar, recortar, pintar, manipular objetos grandes e pequenos, modelar, construir, et A arte, como um todo, desenvolve o trabalho de criação no qual

⁵ Reunião do grupo de pesquisas Laborarte ministrada pelo artista plástico Graham Price no dia 17/09/2010

Vygotsky nos aponta grande importância ao dizer que essa (a criação artística) permite a criança superar sua angústia, dominar a linguagem, “o sutil e complexo instrumento de formular e transmitir os pensamentos humanos, seus sentimentos, o mundo interior do homem.” (VYGOTSKY apud DECICO, 2006, p. 15 e16). É importante ressaltar que o fazer artístico não se limita, apenas, ao trabalho da pintura de um quadro, de uma modelagem, de uma encenação de uma peça teatral ou de uma composição de uma música; o fazer artístico também está na contemplação de uma obra, está no dançar e no ouvir música, está no assistir um teatro (ALBANO, 2004). Então, a arte na educação infantil não faz nenhuma relação com ‘trabalhinhos’ de intuito meramente decorativo ou de entretenimento, pois embora venha e deva vir acompanhada do lúdico, é um trabalho sério. Esse está intimamente relacionado com a ampliação de expressão pessoal e de leitura do mundo, facilitando e auxiliando, portanto, a capacidade da criança de interlocução com esse que lhe está sendo descoberto.

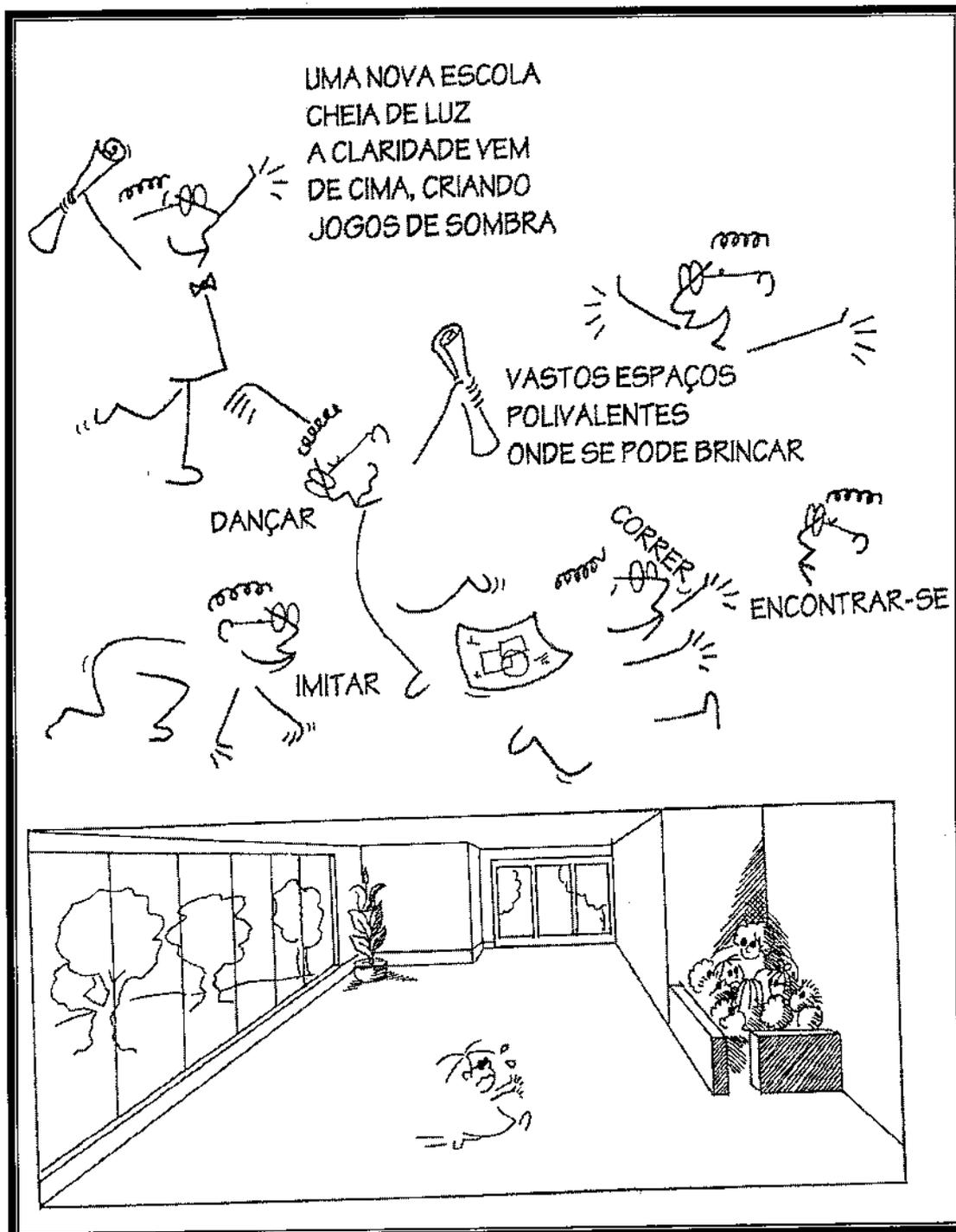
Por conseguinte, quando pensamos na arte como base epistemológica da educação infantil, não temos a intenção de formar um artista, e sim uma criança inteira, uma vez que a arte “não compartimenta o sujeito, nem a forma de conhecer” (ALBANO, 2004, p.33). Assim, oferecer uma infância sem arte é oferecer uma infância sem janelas abertas e a educação precisa ser um lugar de fazer alma, na qual a arte tira a alma dessa vida, nos faz parar e parar o mundo por alguns minutos (ALBANO, 2004) dando chance de pensar em si mesmo e de fruir a abertura dessas janelas.

1.2 Pensando e olhando a Educação Infantil com carinho...

As crianças da primeira infância, atualmente, perderam seu quintal e quando digo “quintal” refiro-me ao espaço destinado à criação, à brincadeira, no qual o jogo simbólico pode ser expresso de acordo com seu estágio de pensamento e necessidades afetivas (ALBANO MOREIRA, 1984). Dessa forma, a educação infantil precisa ser investigadora e para isso precisa ter um espaço que proporcione vivências e amplie percepções dos pequenos. A escola da infância, então, precisa

ser compreendida como espaço de jogo da criança, no qual as múltiplas facetas da arte possam ser exploradas.

O espaço escolar da infância deve ser pensado e feito para ela, descentralizando, portanto, a figura do adulto. Certamente, é mais fácil lidar com um ambiente que incentiva a contenção de corpos, impondo disciplina, no entanto, as necessidades das crianças são outras e se quisermos um espaço para trabalhar com elas, precisamos reconhecer e nos adaptar às essas. A criança precisa de um espaço para desenvolver todas as habilidades e competências; um espaço que seja dela, de possibilidades de experiência lúdica, criativa e prazerosa, no qual possa se encontrar e criar, que seja permitido o desvendar, o correr, o pular, o brincar, o desenhar, dançar, cantar... E não um espaço idealizado por adultos, os quais muitas vezes sabem das necessidades dos pequenos, mas na prática não chegam a uma boa solução, simplesmente porque é difícil tirar do foco o que o adulto pensa e principalmente, o que a sociedade nos coloca sobre a ordem e a disciplina que devem ser mantidas. Tonucci (1997) nos presenteia com esse pensamento, revelando, as incoerências que acontecem nos espaços destinados à educação da primeira infância:



(TONUCCI, 1997, p. 145)

“E assim vai-se educando esteticamente os meninos e meninas... roubando as expressões, as linguagens e colocando no lugar uma pobreza de expressão e imagem que não alimenta a imaginação de ninguém. Apenas amarra, prende, padroniza... atrofia!” (OSTETTO, 2006, p.109)

Sendo assim, a escola de educação infantil pode e deve pensar em um espaço alfabetizador de educação visual, de educação dos sentimentos, sensações e emoções. Esse pode ser uma sala que prepara a criança para desafios, para investigação, uma sala, enfim, que tenham chaves para a abertura das janelas. No entanto, esse espaço, ademais, pode e deve ser fora da sala de aula, determinando um lugar para todos, para poder ser espontâneo e estimulador porque como bem coloca Marcelo Tas "(...) também foi freqüentando escolas, no Brasil e no exterior, que aprendi que a descoberta do mundo está quase sempre do lado de fora da sala de aula." (Postagem em Blog 12/10/2010).

Portanto, é tarefa do espaço de educação infantil aumentar o repertório das crianças e despertar o que há de mais humano e belo dentro deles. Todavia, muitas vezes isso não é concretizado em detrimento do que a sociedade impõe sobre o que é ser uma escola forte. Termino esse capítulo sublinhando a necessidade de pensarmos a arte como base epistemológica da educação infantil e também ressaltando o cuidado que precisamos ter com o espaço destinado a primeira infância; pois penso ser a arte a responsável por fazer a escola da primeira infância voltar ao seu contorno, a sua tarefa principal: abrir janelas.

CAPÍTULO II

AS CHAVES

“Felizes os homens que tem as chaves
porque só encontram portas abertas...
Como podem tantos homens dormir sossegados e felizes
de portas fechadas,
quando essas portas se fecham para tantos homens
que ficam sempre ao relento
e nunca podem entrar?
Neste mundo de tantas portas,
quando teremos cada um, a sua chave,
e a sua hora de voltar?”
(‘As chaves’ - Fernando Campanella)

Felizes todos aqueles que descobrem suas chaves, que desvendam suas capacidades e transpassam seus limites. Felizes todos aqueles professores que reconhecem suas chaves como essencialidade em suas metodologias de ensino. Felizes aqueles professores de educação infantil que encaram o desafio e apostam nas múltiplas facetas da arte como base para uma pedagogia da infância. Felizes porque serão felizes ao entrar nesse universo e felizes porque as crianças as entenderão e sentirão prazer. Felizes, enfim, porque entendem “que os fios da arte e da infância se entrelaçam na constituição de ser pedagogo” (PACHECO, 2008, p. 67).

As chaves, portanto, são as denominadas múltiplas facetas da arte que estão presentes na prática dos professores de educação infantil que ora são cantores, ora dançarinos, ora artistas plásticos, ora excelentes contadores de histórias... E tudo mais que a arte pode envolver como: a composição da música e o ouvir/cantar; o dançar e assistir uma apresentação; o pintar e o contemplar; o contar e ouvir histórias; o movimentar e silenciar o corpo... Essas chaves são essenciais como um todo, porque para a criança o importante é desenhar, brincar, cantar (e todo o resto), seja tudo junto ou separado, “não distancia as linguagens” (ALBANO, 1998, p. 80). Ela não precisa ter a hora da dança, a hora da música, hora do desenho, só precisa

ter um espaço, uma idéia, uma vivência (PRICE⁶)... Pois do desenho sai a marca, da marca podemos ir para o movimento, o movimento vira dança, da dança traz a expressão, da expressão traz o teatro...

Dessa forma, a criança trabalha com a união e o entrelaçar das linguagens, sendo assim, necessário que o professor da primeira infância trabalhe com as chaves continuamente e sem distinção umas das outras. Sempre pensando a arte como aquela que nos leva para um outro mundo e a infância como aquela que nos faz ser no mundo. Estar nesse mundo e fazer parte dele significa se doar por completo e entender que para as crianças ele não terá a menor graça se não for possível rir, chorar e ter medo (ALBANO, 2004).

Trabalhar na totalidade é trabalhar com essas chaves e abrir-se às múltiplas facetas da arte, é embarcar no sacudir da dança, na fantasia da música, no encantamento do teatro, na criatividade do desenho e tudo o mais que leva o ser ao encontro desse mundo interno que muitas vezes queremos controlar e não conseguimos. Pensando assim, trazer as chaves para o cotidiano das crianças é proporcionar a abertura de janelas através do prazer, do criativo, do colorido, do musical, do dançante, do movimento, da aventura, da contação de histórias...

Ademais, a utilização das chaves interfere na maneira como esse professor irá se comunicar com os pequenos, visto que há tanta força em uma música como há nas palavras. Muitas vezes, para as crianças da primeira infância, não é preciso falar, basta um som, um olhar, uma história, um gesto para que professor seja entendido. Essa é uma maneira de perceber que as palavras, embora tenham muita força, são tão importantes quanto um gesto e um silêncio, pois, na comunicação com os pequenos, se manifestar através de símbolos, não é menos significativo do que se manifestar com palavras, sendo, "algumas vezes, o único modo de se comunicar com a criança." (RODARI apud DECICO, 2006, p. 24).

Quando me refiro a esses símbolos, me refiro na maneira mais simples de fazer poesia, porque como já citado anteriormente, as crianças dizem de si e do mundo através de poesia, e não porque são artistas, mas porque pensam

⁶ Reunião do grupo de pesquisas Laborarte ministrada pelo artista plástico Graham Price no dia 17/09/2010

poeticamente (ALBANO MOREIRA, 1984). Os professores voltados para essa idade, por sua vez, além de entenderem o que significa “cabelos macios como espuma do mar” (ALBANO MOREIRA, 1984) devem compreender que lidam com crianças que pensam, falam e criam diariamente e por isso precisam se apropriar dessas chaves para entrarem no contexto de mundo delas.

Educar com chaves é preparar para os pequenos algo que seja estético, é ter a responsabilidade de promover o foco entre criar espaços e perceber aquilo que as crianças já trazem, convidando-as para uma exploração sensorial, social e lúdica. Assim sendo, o que cada faceta da arte pode proporcionar será importante e se tornará brincadeira, levando em conta que brincar será sinônimo de educar quando a música, a pintura, a escultura, a dança, a narrativa, o teatro forem manifestações artísticas, nas quais os adultos propõem, mas não impõem, convidam, mas não obrigam (DIAS, 2004). Para tanto, o professor de educação infantil precisa ser poliglota, falar e se expressar a partir das múltiplas linguagens... Ser um ser sensível.

Nesse contexto, o professor que se volta para o uso das variadas facetas da arte, se volta também para reconhecer um pólo, que muitas vezes é reprimido na educação: o inconsciente, o não racional, afinal, falar de arte nesse quesito é acrescentar o pólo sensibilidade nos professores, fazendo da jornada da alma uma necessidade nessas representações, dentro das quais podem superar o racional sem esquecê-lo (OSTETTO, 2006, p. 215).

Ademais, as múltiplas facetas são importantes para as crianças, pois dançar, cantar, desenhar, brincar de faz-de-conta, isto é, explorar as possibilidades sonoras, visuais e táteis, são atividades essenciais no processo de desenvolvimento da criança como ser inteiro. Cabe, assim, ao professor da primeira infância, o entendimento e a percepção de todos esses fatores que contribuem para a formação da criança na inteireza, um ser de janelas abertas. Para tanto, não podemos deixar de colocar que o contato com a arte, independentemente em que linguagem for, sensibiliza crianças e professores, tocando no mais íntimo do ser, aguçando os sentidos, como bem descreve Garcia Márquez quando relembra de sua pré-escola:

“(...) professoras estimulavam os cinco sentidos mediante exercícios práticos e ensinavam a cantar. Com o talento e a beleza da diretora Rosa

Elena Fergusson, estudar era algo tão maravilhoso como brincar de estar vivo. Aprendi a apreciar o olfato, cujo poder de evocações nostálgicas é arrasador. O paladar, que afinei até o ponto de ter provado bebidas com sabor de janela, pães velhos com sabor de baú, infusões com sabor de missa. Na teoria é difícil entender estes prazeres subjetivos, mas aqueles que os tenham vivido, compreenderão de imediato.” (MÁRQUEZ apud ALBANO, 2010, p.53).

Nesse quesito, o professor de educação infantil quando se manifesta através das chaves, dá forma a uma intenção, seja a forma de dança, música, teatro, etc. Então, ao traçar um objetivo, tem dentro de si a intenção de trabalhar determinado aspecto e através das diferentes linguagens dá forma a essa intenção. A essa forma de trabalhar denominei performance. Portanto, abrindo-se aos canais das chaves, as quais são manifestações artísticas, sensíveis, inventivas e descobridoras de mundo, os professores projetam o espaço das performances. A performance é um disparador que envolve e entusiasma as crianças e as professores e que fala através do corpo, um corpo...

“Um corpo que se comunica e se expressa através dos sentidos que diz e escuta, sente e faz sentir, seja através de performances ou de obras que pedem a participação e interação do público nas artes visuais, seja através da sonoridade, respiração e ritmo corporal na música, ou mesmo, da necessária presença do corpo do intérprete no teatro e na dança.” (LEITE apud CARVALHO, 2009, p. 26).

Quando os professores se dispõem e criam as performances, estão, nitidamente, trazendo o universo da educação estética para a educação. Eles estão, portanto, fazendo a união necessária entre educação e estética, que é uma união que não se baseia na imposição, e sim na identificação, como Dettoni (1991) nos coloca: é o casamento necessário. Ademais, acrescenta: “Todas as educações conseguirão ser educação na estético-educação, porque só ela é abrangente, totalizante. Eduque-se esteticamente o homem e se terá conseguido a base do equilíbrio humano”. (DETTONI, 1991, p. 132). Trazendo para sua metodologia a performance, o professor está se colocando a serviço da estética e utilizando as

múltiplas linguagens da arte, associando, assim, o pensar e o fazer, sentir e criar. Esse professor da primeira infância que sente e pensa, precisa mostrar, fazer sentir e fazer pensar, afirmando a velha lição de que os pequenos aprendem com aquilo que você faz e não somente com o que você diz. Pois:

“(…) um professor não ensina apenas pelo conteúdo explicitamente desenvolvido no curso, mas principalmente por meio da atitude - permitindo ou impedindo passagens.” (OSTETTO, 2006, p. 22).

É importante ressaltar que esse professor não pode ser somente o portador da cultura, mas deve ao máximo desenvolvê-la, de maneira que as múltiplas facetas da arte façam sentido e ajam nas crianças, sempre lembrando que a fala e o que a criança traz é muito significativo. Isso porque, muitas vezes, no ambiente escolar, a fala é de adulto e a criança não se sente acolhida, e as performances vêm para acolher, para chegar mais próximo do que a criança compreende. No entanto, o professor dá o recurso, mas não o discurso (ALBANO, 2010b, p. 56), dá as condições, as chaves, mas quem abre as janelas é a própria criança, cada uma em seu tempo.

Para o professor dar condições, ele precisa ser um indivíduo criador, pois segundo Matisse “onde não há criação, não há arte” e segundo Duarte Jr:

“(…) um indivíduo criador é justamente aquele que dirige sua atenção aos seus sentimentos, para depois expressá-los por meio de símbolos e de novas relações simbólicas (1988, 97). Para isso o professor deve se fazer presente diante das diferentes representações artísticas, para que ele possa ser uma das referências na trajetória de seus alunos.” (DUARTE JR apud CARVALHO, 2009, p. 2).

Nas performances, o professor – como indivíduo criador - legitima o imaginário e traz a brincadeira de faz-de-conta para o espaço escolar. Sendo assim uma forma bastante prazerosa de chegarem ao coração e ao entendimento das crianças, uma vez que ambos (professores e crianças) mergulham no mundo das

linguagens da arte, e ali a fantasia se torna o real, fazendo com que os pequenos se conheçam, ampliem sua atividade criadora, aprendam e se desenvolvam a partir das atividades simbólicas.

Dessa forma, as performances partem do que a arte proporciona, visando um diálogo entre aquilo que as crianças já sabem e aquilo que os professores têm a intenção que os pequenos aprendam. Portanto, não é algo que só caminha na direção professor-aluno; é algo dinâmico, que se encaixa na relação EU - TU colocada por Dettoni (1991); na qual o 'EU' é o professor que cria e o 'TU' são as crianças que assistem e vivenciam. Isso porque a arte é interativa e é o outro (tu) que dá sentido ao 'eu', assim como um músico canta para alguém ouvir; o escultor pensa nos olhos de quem contemplará a escultura, as performances dos professores da primeira infância precisam das crianças para que tenham sentido e sejam possibilidades para abertura de janelas.

Nesse quesito, trazer essas chaves para o espaço escolar só depende do professor, porque essas estão dentro deles, só precisam ser descobertas e ter coragem de tentar, uma vez que:

"(...) a educação infantil só vai mudar quando os educadores se permitirem imaginar outras formas de trabalhar com as crianças, quando se permitirem imaginar outras formas de se relacionar com o conhecimento e, portanto, com o mundo. E neste quesito penso que a arte pode ser de grande valia por ser, por natureza, revolução permanente." (ALBANO, 2004, p. 34)

Por conseguinte, as performances, ao acolherem essa criança da pequena infância através da arte, se tornam práticas revolucionárias, que formam além de cidadãos; crianças que possam estabelecer uma relação mais profunda entre algo, que até hoje ainda é muito cindido: o racional e o não racional, o pensamento e sentimento, o real e a fantasia.

2.1 Janelas abertas, chaves utilizadas...

Durante um período da minha pesquisa me dispus a conhecer o universo das *chaves* do curso infantil e observação como essas abriam a abertura de janelas para o mundo. Passei a observar o dia-a-dia da turma da professora Fernanda – uma das duas professoras pesquisadas - e viver um pouco de como essas múltiplas facetas da arte eram fortemente utilizadas em sua prática, que aqui nomeio de performances.

Nessas performances, opera o pensamento – fantasia, que é aquele atribuído por Jung como sendo um pensar que não mais obriga nossos pensamentos a seguir uma determinada linha, pois é conduzido por razões interiores, advindas do inconsciente. Esse se afasta da realidade, aproximando-se daquilo que poderíamos chamar de sonho e dá vida a caminhos novos, ao inovar, ao criar (JUNG apud OSTETTO, 2006). A professora Fernanda caminha para o novo, para o criar, para a abertura de janelas cada vez que se dispõe a entrar nas performances, as quais ganham vida nas múltiplas facetas da arte.

2.1.1 Performance da Dona Benta

Era Agosto. O mês do folclore, apesar de que todo dia é dia de folclore. E o que é folclore? Folclore é um gênero de cultura de origem popular, constituído pelos costumes e tradições populares transmitidos de geração em geração. Todos os povos possuem suas tradições, credices e superstições, que se transmitem através de lendas, contos, provérbios, canções, danças, artesanato, jogos, religiosidade, brincadeiras infantis, mitos, idiomas e dialetos característicos, adivinhações, festas e outras atividades culturais que nasceram e se desenvolveram com o povo. Então, o folclore é, também, uma forma de expressão artística. Folclore combina com Sitio do Pica-Pau Amarelo, Sitio do Pica-Pau Amarelo combina com crianças; e crianças combinam com arte. Combinam? Não, não combinam! Não combinam porque as crianças são a própria arte refletida e inteira, levando em conta que a arte é vôo, liberdade, espontaneidade e tudo aquilo que se faz ser e sentir.

E nessa combinação toda, a Prô Fer, professora de educação infantil de um Colégio particular e convencional de Campinas, se transformou em Dona Benta para fazer acontecer o Projeto Folclore. As roupas vieram da mãe, uma calça e uma blusa bem estilo “vovozinha”, que cabiam quase duas professoras dentro; o chale foi encontrado em uma sala cheias de fantasia, a qual fica localizada no fundo do teatro do colégio; a peruca é emprestada de uma amiga de trabalho, na qual as madeixas desarrumadas e bicolores, posteriormente, terão um significado, o colar, o brinco de pérolas e os óculos, também cedidos pela mãe, acrescentam ao visual; as luvas eram aquelas descartáveis, improvisadas do próprio colégio porque ela tinha esquecido de trazer e, por fim, a maquiagem é a responsável pela inteireza da performance, uma vez que da jovial Prô Fer surge a vovó Dona Benta.

As crianças estão na sala de aula com a professora auxiliar, chegaram no colégio e não encontraram a Prô Fer, e portanto, fazem hipótese de onde ela poderia estar. Uns dizem que ela se atrasou, outros dizem que aconteceu alguma coisa com a filha dela e outros dizem, simplesmente que não sabem. Tem também uma cadeira diferente na sala, de madeira, com ar envelhecido, contribuindo para o mistério. A professora auxiliar os instiga nas hipóteses, no entanto inicia a rotina da turma como se fosse um dia como qualquer outro... Faz roda de conversa, conta as novidades, faz a oração, organizam a rotina do dia, sentam nas mesinhas pra sortear o ajudante... Até que algo entra rodopiando e gritando “socorro” dentro da sala: era a Dona Benta.

Algumas crianças se assustam, outras correm para perto da vovó com entusiasmo e curiosidade. A voz mudou: trazendo a voz rouca e habitual da Prô misturada a uma voz falhada e fina. A maneira de andar vai do apressado ao bem lento e corcunda. Ela chega chamando as crianças para perto, justificando que os gritos e os rodopios eram por causa do redemoinho do saci, o qual a levou até ali. A primeira coisa que faz é procurar a Prô Fer, e quando não a encontra, entende tudo e começa a dizer para as crianças:

-Sabe crianças, vocês são do infantil III? Porque aquela moça (e aponta pra mim, que logo esconde a câmera para os pequenos não perceberem) me disse que vocês são.

As crianças respondem entusiasmadas como se alguma informação muito importante estivesse por vir. A vovó Dona Benta continua:

-Pois bem, é aqui mesmo que eu precisava vir... Porque hoje de manhã a Prô Fer, calma aí, ela é a prô de vocês não é? (os pequenos afirmam, novamente, entusiasmados). Então, ela foi me visitar lá no sítio para aprender algumas coisas comigo e me chamar para fazer uma visita pra vocês. Só que aí... (uma parada para o suspense) O saci, sabem quem é o saci?"

Um garotinho responde:

- Nós sabemos, é aquele mais moreninho e de uma perna só... Olha eu sei andar igual ele.

-Isso mesmo... É esse mesmo! – continua Dona Benta - Então, ele gosta de fazer muita arte... Vocês sabem o que é arte?

Uma outra criança responde:

- Eu faço arte em casa, eu brigo com meu irmão.

-Ah!!! Mas, isso não é arte, isso é uma atitude ruim, uma desobediência.

-Ah eu faço arte na minha casa porque eu faço bagunça. – responde uma outra criança.

-Hum, o saci é bem assim, viu mocinho, como é seu nome?

A criança responde e vovó Dona Benta acrescenta:

- Ele gosta é dessa bagunça; então, hoje o safadinho apareceu lá no sítio bem quando a Prô Fer estava indo embora e ficamos presas no redemoinho dele. Aí, por causa da mágica, eu e a Prô ficamos misturadas, eu estou com um pouco do cabelo dela, tá vendo essa parte preta (e apontava para o cabelo)? Eu fiquei um pouco com a voz dela, mas eu espero voltar logo para o sítio pra resolver essa bagunça. E já que eu estou aqui, que tal eu contar uma história para vocês? Posso? (as crianças respondem positivamente). Ah, eu trouxe até o meu livro... É de folclore, eu ensinei um monte de coisa pra Prô Fer hoje de manhã. Esse livro conta o que é folclore... E vocês sabem o que é folclore?

Os pequenos não negam, mas nada respondem e ficam esperando a resposta:

- Folclore é música, sabem aquela música roda, roda, roda.... (ela para de cantar e deixa-os terminarem); é brincadeira, já brincaram de amarelinha, de peteca,

de corda...? É dança! Quem gosta de dançar aqui? Folclore é comida também... hum! Bolo de fubá, pipoca.. É história, mas que nós chamamos de lenda, tem a do Saci, a da Iara... Folclore é arte, não aquela arte do Saci, mas é quando a gente cria, inventa alguma coisa. Eu ensinei tudinho pra Prô Fer e quando ela conseguiu escapar do redemoinho e chegar aqui, vocês contam que eu já fiquei aqui com vocês... Tá bom? Mas, antes de ir embora, vocês tiram uma foto comigo, quero mostrar para os meus netinhos, o Pedrinho e a Narizinho, essa classe linda que eu conheci.

As crianças ficam muito felizes, alegres e empolgadas. A Dona Benta, depois que tiram a foto, deixa o seu endereço para que eles a mandem pelo correio, pede que elas a levem para a porta de saída, dizendo que terá que pegar um ônibus. Depois que as crianças retornam a sua sala, a Dona Benta sai de cena e a Prô Fer com seu estilo habitual entra, agora sem nenhum apetrecho, invade a sala rodopiando, cai no meio roda de conversa (na qual eles discutiam a inesperada visita) e começa contar o que tinha acontecido. No entanto, não é preciso, as crianças a interrompem a cada um minuto, dando as respostas e os papéis se invertem, e nessa segunda conversa, o projeto de folclore se inicia naquela classe de Infantil III.

O projeto poderia ter sido iniciado com uma simples conversa, mas essa professora resolveu criar algo novo, resolveu envolver emoção, teatro e fantasia em algo que poderia ser estritamente simples e cômodo. No início da performance, embora as crianças estivessem animadas e interessadas, algumas eram resistentes em entrar na magia e ficavam testando a Dona Benta a todo o momento dizendo ser ela a Prô Fer. Ela não dava atenção, e fingia não escutar e nem perceber, simplesmente porque não tem justificativa quando se acredita que é. Ali não era a Prô Fer, era a própria Dona Benta. No final, e principalmente, na conversa que eles têm após a volta da professora, os pequenos entram na fantasia, passam a acreditar no faz-de-conta, uma vez que é um mundo mais gostoso, alegre e feliz, e ademais, é mais gostoso gostar de folclore porque a Dona Benta gosta.



(Professora Fernanda pronta para a performance de Dona Benta)



(Professora Fernanda na performance Dona Benta)

2.1.2 Performance da lara

A professora Fernanda entra na sala em mais um dia que, aparentemente, seria comum e as crianças já percebem que no centro do tapete da roda de

conversa tem um TNT azul chamando atenção. Certamente, o material foi colocado ali pra induzir algum pensamento nas crianças que iriam entrar para a aula naquela tarde. Era um TNT comum, comprido e azul. As crianças começaram:

- Prô, o que é isso? Para que serve? O que vamos fazer com isso?;

Então, a professora responde: - O que vocês acham que pode ser isso?

Uma das crianças bastante curiosa responde: - Um pano pra gente dançar....

Professora: Ótimo! Pode ser um pano para dançarmos... Como poderia ser?

A mesma criança:- Assim ó...

A criança pega o TNT e começa balançá-lo, pra cima, pra baixo, de um lado, para o outro, entrando e saindo do pano, como algo mágico. A professora aprova, faz junto e em um gesto convidativo chama as outras crianças para fazerem parte dessa fantasia. Depois de algum tempo explorando, a professora, senta com eles e pergunta:

- Sabem por que esse pano que chama TNT está aqui?

As crianças atentas perguntam: Por quê?

A Prô Fer responde: Porque ontem... Nós pintamos e levamos para casa um quebra-cabeça de quem, de que personagem?

As crianças em coro:

- Da lara!

A professora continua:

- Então, eu já contei pra vocês a lenda do Bumba, meu Boi, então,hoje, eu vou contar para vocês uma lenda, sabe de quem?

- Da lara!

- Isso! Daí, vocês agora vão mergulhar com a Prô debaixo desse pano, porque agora esse é o rio da lara.

- Eba!!! Posso mergulhar? – exclama uma criança.

- Então, todo mundo pega um pedaço para ficar embaixo do rio e estica pra não ficar enrugado no meio e ninguém precisa levantar do lugar, cada um vai mergulhar em uma 'partezinha' desse rio, então segura uma ponta e entra.

Nesse momento, a professora já está mudando a voz, falando mais baixo e as crianças vão se aquietando, entrando no mundo da magia e a música de fundo soava como barulhinho de água... Nesse contexto, começa a lenda:

- Olha só... Era uma vez uma linda sereia chamada lara, ela tinha metade do corpo de ser humano, com um rosto, olhos, cabelos como nós e a outra metade era de peixe, com uma cauda e sem pés. Então, a lara mergulhava no rio (e a professora com eles, saía e entrava debaixo do TNT várias vezes, vivendo a história por algum minuto) e cantava uma música com uma voz assim ó: uh-uh-uh-uh... uh-uh-uh-uh...

A professora entra em uma música sem letra, em um tom típico repetitivo e hipnotizador e as crianças começam a repetir o som com o mesmo ritmo e entonação, no contínuo movimento do pano que lembrava as batidas e as formações das ondas do mar... A professora não pediu para que repetissem, mas o interessante é que as crianças entram no faz-de-conta, na performance, se envolvem, se encantam... Elas ficam um tempo assim, repetindo, testando as vozes, o volume... E, depois, a história continua:

- A lara saía do fundo do rio, passava horas cantando essa música ficava penteando os seus cabelos, penteando os cabelos (e pega o pente imaginário na mão direita para pentear os cabelos, passa de um lado e passa de outro...) E as crianças, novamente e muito naturalmente, deixam o TNT no colo e passam a pentear os cabelos, ora de um lado, ora de outro...

- Até que aparecesse um pescador... Quando o pescador ia perto do rio (e todos recomeçavam a balançar, entrar e sair debaixo do TNT) para pegar um peixe, quem saía de dentro do rio? A lara! Quando ela saía, ela cantava assim ó: uh-uh-uh-uh... uh-uh-uh!

Coro de todos juntos...

- Geeente, o pescador ficava en-fei-ti-ça-do, quando ele olhava no rosto da lara, quando ele escutava a voz da sereia, parecia que um ímã puxava ele e ai quando ele chegava perto, sabe o que a lara fazia?

- Caía no mar - responde uma criança.

- A lara entrava no rio bem no fundo... Agora, faz de conta que só eu sou a lara.

A professora entra debaixo do TNT...

-Ela mergulhava no rio... Vocês estão enxergando a lara?

- 'Tamo'...

- E o pescador... Fazia sabe o quê?

- O quê?

- O pescador ia atrás da lara; Pedro⁷ vem atrás da lara. (Pedro entra) Vocês estão enxergando a lara e o pescador?

- Sim - dizem uns. - 'Tamo...' – dizem outros.

Algumas crianças ainda entravam no TNT...

- A lara, então, saía do rio (a professora sai do TNT e deixa a criança 'presa') e pensa que o pescador voltava?

- Não?! – as crianças responderam com uma voz entoando sentimento de "pena"..

- Não! Nunca mais as pessoas ouviam falar do pescador; o pescador foi parar no fundo do rio, atrás da lara e ninguém sabe o que aconteceu... Ninguém sabe se o pescador está lá embaixo ainda morando com a lara, não sabe se ele já morreu, ou o que aconteceu, mas o pescador nunca mais volta... (ela faz sinal para Pedro sair)... Só sei que, avisem a mãe e o pai de vocês, que em noite de lua cheia, onde no céu tem uma lua grande, se pai quiser pescar, fala : "Pai, tampe os ouvidos..porque no rio mora quem? – Prô Fer com voz fantasmagórica.

- A lara!!!

- Isso! A sereia que tem poder de enfeitiçar sabe quem?

- Quem? – diz uma só voz baixinha e curiosa...

- Os homens.. .

- Meu pai não sabe pescar... – responde uma criança.

- Ai ainda bem...

- Então, para aqueles pais ou homens que sabem, têm que tomar cuidado, porque em noite de lua cheia, quando vão até o rio é perigoso encontrar com quem?

- Com a lara!!

- Com a lara.. Ela vem e enfeitiça o pai, e o pai vai atrás da sereia e ó? Ninguém mais escuta falar. Uma vez em uma aldeia, que morava muitos índios, índio adulto, índio criança, índio pai, índio mãe, índio avô.. E esses índios, todos os dias iam pescar... Faz - de-conta que vocês são eles, joguem as varinhas...

As crianças começam a brincar de pescar com as professoras...

- Ai os índios voltavam para aldeia para dormir, sempre juntos... (as crianças deitam no chão, quase que esquecendo o rio e fingem dormir...) Teve um dia que um

⁷ Nome fictício do aluno

indiozinho chamando Henrique⁸ (chama o nome da criança) ... Resolveu, durante uma noite de lua cheia, ir pescar sozinho.

O Henrique levanta e finge que está pescando...

- Quando esse indiozinho chegou no rio, quem tava lá (e aponta para si)?

- A lara...

A Prô Fer já começa a pentear os cabelos de um lado e de outro e a cantarolar: uh-uh-uh.. uh-uh-uh... As crianças dão muita risada, mas não imitam...

- O indiozinho olhou para a sereia e com os olhos verdes da sereia lara, ela enfeitiçou... E o que que o índio fez? Foi atrás dela...

A Prô Fer e Henrique entram no rio...

- E ai, sabem o que aconteceu? (A Prô Fer sai debaixo do TNT)

- O quê??

- A lara saiu, mas o indiozinho desapareceu. Dizem na tribo que, até hoje, eles procuram esse indiozinho e não encontram. E a sereia lara adora quando o sol está se escondendo, ir para perto do rio, pra fazer sabe o quê? Enfeitiçar os homens, então, agora... Todos os meninos vão entrar debaixo do rio, e as meninas vão ser as sereias laras que vão segurar o rio...

Eles brincam por um tempo com isso... Os meninos fazem performances debaixo do TNT, levantando, abaixando, rodopiando, fingindo nadar... E as meninas, vão de um lado e para o outro, imitando as ondas do mar, além de que sozinhas começaram a cantarolar a música: uh-uh-uh... uh-uh-uh. Como se, de fato, a música já fizesse parte da personagem.

- E agora todos nós vamos entrar embaixo desse rio.... E essa é a lenda da sereia lara. Então, dêem um recado para os homens da família de vocês, que em noite de lua cheia, onde tem rio, nadem perto das pessoas, pra não ter perigo de encontrar a sereia. Agora, todos nós vamos cantar a música da sereia lara: uh-uh-uh-uh... uh-uh-uh;..

As crianças, embaixo do rio, acompanham a professora..... E ficam lá por um tempo brincando com as possibilidades dessas ondas.

⁸ Nome fictício do aluno



(Performance Iara – Professora Fernanda)

2.1.3 Performance do “Bumba, meu boi”.

Nesse projeto do Folclore, uma das lendas contadas para as crianças foi a do ‘Bumba, meu boi’. Tudo começou durante a aula de música. A professora de música organizou as crianças em roda e contou a lenda do Bumba, meu boi de uma maneira artística e, totalmente, divertida, pois as crianças, cada uma com um pandeiro, auxiliavam com diferentes sons para compor a magia da lenda. Quando a lenda terminou, a surpresa aconteceu.... O Bumba, meu boi apareceu, era todo confeccionado de papel machê, grande e vistoso, muito parecido com o Bumba, meu boi das festas do Boi Bumbá. As crianças brincaram, dançaram, tiraram foto do e com o boi e cantaram apoiados em seus pandeiros, diversas músicas típicas da região Nordeste e Norte que é onde a tradição dessa lenda é muito vivida.

As crianças, embora algumas tivessem bastante medo do personagem, quando entenderam que era uma representação e que poderiam brincar junto, criar e se divertir, se soltaram e desfrutaram muito ao aprender e brincar com o Bumba. Ficaram entusiasmadas e saíram da aula comentando sobre o acontecido e no

45

caminho para a sala, imitavam como se estivessem ainda embaixo do boi. Até que, então, a idéia é dada para as crianças... E se fizéssemos um Bumba, meu boi com diferentes materiais? Elas recebem a proposta com carinho e entusiasmo.

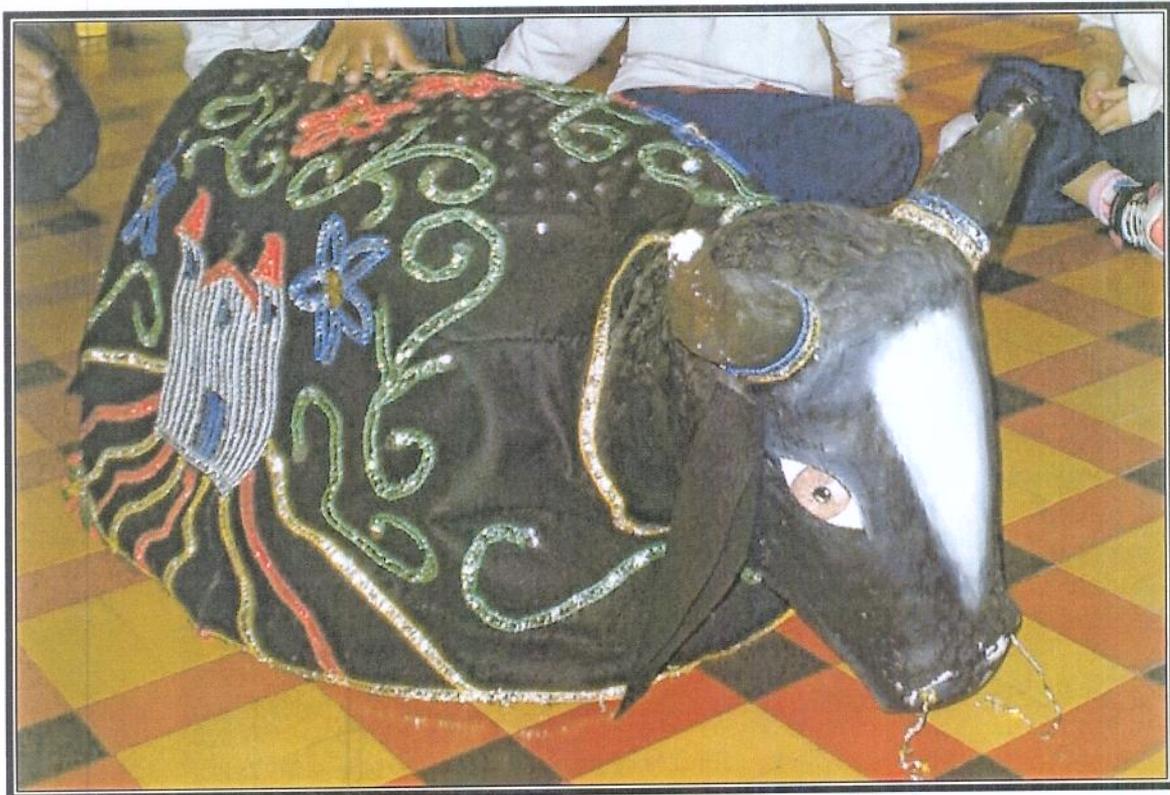
A primeira parte foi pintar a cabeça do Bumba em uma folha xerocada, em que cada qual podia pintar da maneira que quisesse. Caixas grandes de papelão deram forma ao corpo e na sala de artes, que é como ateliê para crianças, onde tudo fica ao alcance dos pequenos, as crianças com variadas cores de tinta, pintaram e se divertiram escondendo a cor e os escritos da caixa. No outro dia, com a tinta seca, cada uma pegou sua produção, foi para o pátio e aquele espaço se transformou em um ateliê, no qual os pequenos enfeitaram e deram vida a produção com diferentes materiais e sucatas, como: papel de bala, palito de sorvete, forminhas, papel crepom que virou o rabo do boi e muitos outros que só eles tiveram a imaginação para ali colocar. Foi uma produção bonita e divertida, na qual as crianças colocavam suas idéias, seus sentimentos e quase não falavam, uma vez que diziam mais com as cores, com os gestos, com os sorrisos, enfim, com a produção.

Quando o Bumba de cada um já estava pronto, uma das crianças virou para a Prô Fer e disse:

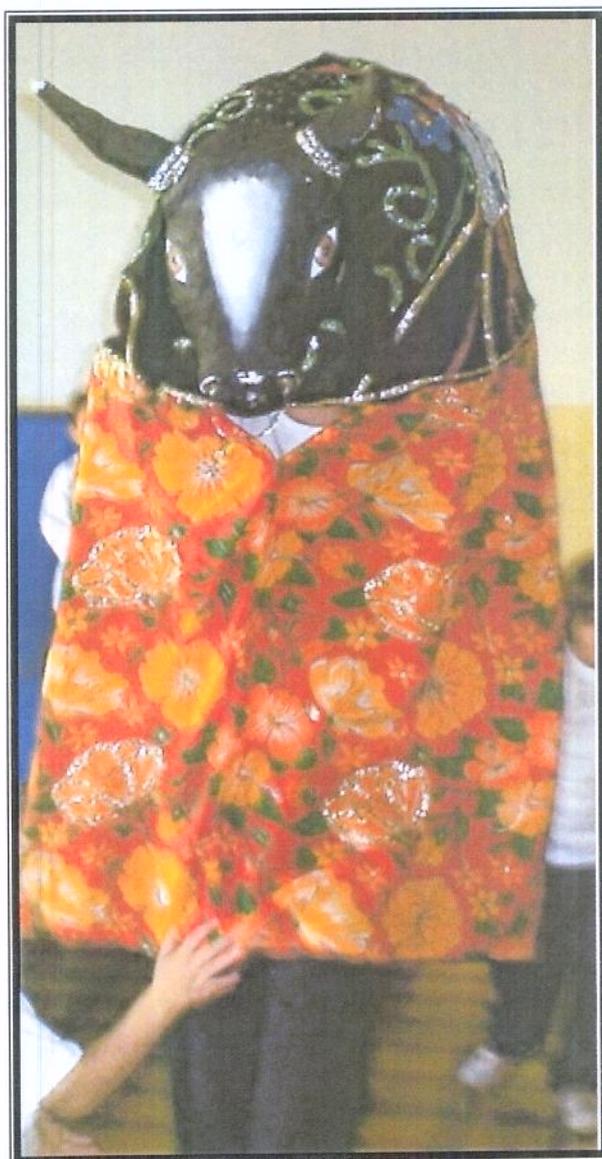
- Prô, a gente vai ter que fazer uma dança de Bumba, meu boi.

Foi assim que a professora Fernanda, trouxe no dia seguinte, o cd da banda Carrapixo, que é uma banda da Amazônia, a qual tem várias músicas do 'Boi Bumbá', vivenciadas na festa típica. Nesse dia, as crianças escutaram todas as músicas do cd e escolheram uma denominada "tiqui-tiqui-tiqui-tá", começaram a dançar livremente. Primeiro, era apenas uma brincadeira, as crianças precisam desse tempo, desse tempo que a música conduz ao devaneio, transporta, conforta e concentra. Sem nenhuma intenção, os pequenos se divertiam... Até que no meio da brincadeira, a professora coloca uma intenção, institui um passo outrora experimentado pelos próprios pequenos e aquilo se torna um ensaio, uma produção, pra mais tarde ser apresentado. Passam a semana se divertindo sem certo e errado... E na sexta-feira, as crianças, fazem maquiagem, sobem ao palco do teatro do colégio e apresentam para as outras turmas a produção do Bumba, meu boi. Uma produção de artes plásticas, de teatro, de dança, de lenda... Terminando em

uma tarde muito proveitosa e divertida e de verdadeira encenação infantil na qual para Vigotski “deve ser feita pelas mãos e pela imaginação das crianças e somente assim a criação dramática adquire para elas todo o seu significado e toda a sua força” (VIGOTSKI apud CARVALHO, 2009, p. 6).



(Bumba, meu boi trazido pela professora de música)



(Professora Fernanda na Performance do Bumba, meu boi)

E, assim, professora Fernanda, utilizou as chaves, abriu janelas para o mundo do folclore. No entanto, mesmo sabendo da importância das chaves para a primeira infância e de como essas chaves poderiam ser utilizadas, as perguntas, ainda me procuravam, de onde as performances surgem? Como são mantidas? O que é necessário para elas se desenvolverem?

CAPÍTULO III

FECHADURAS

"Ensinar é a arte de todas as artes" (Comenius)

As janelas proporcionam a abertura para o mundo. As chaves são as múltiplas facetas da arte, é o 'como abrir'. As fechaduras dão sentido ao entrelugar, é aquilo que fica entre as janelas e as chaves, é aquele que fica entre o mundo e a arte. O professor é a própria fechadura ou aquele que permite que as fechaduras existam, é aquele que fica entre o mundo a ser desvendado e as linguagens da arte a serem utilizadas. Essa fechadura é um coração que precisa ser desvendado e valorizado; é o território central, uma vez que a manifestação e o poder do coração e da alma do professor é que se torna a centralidade da vasta abertura de janelas.

Essa fechadura, algumas vezes, insiste em emperrar, em não girar, em não reconhecer as chaves oferecidas. Alguns professores se fecham em suas práticas vazias de sentido, sem prestar atenção no que lhes toca, matando o que há dentro de si e dentro do pensamento, do olhar e do coração dos pequenos. Essa cena, denominada 'trabalhos manuais', é bastante significativa e ilustrativa:



(TONUCCI, 1997, p. 82)

Contudo, quando essas mesmas chaves, ao invés de serem somente oferecidas, são experimentadas, para uma delas – ao menos - a fechadura cede, flui, se entrega e, assim, corações são tocados, janelas são abertas, escancaradas. A experimentação das chaves não se ensina e não se força, a arte como verdadeira

educação é algo que vai de dentro pra fora, da chave que toca na fechadura e desemperra, faz fluir... Para tanto faz-se imprescindível acrescentar o pólo sensibilidade nos professores, o qual abrirá caminho para o maravilhamento, o encantamento e , sobretudo, para o trabalho de mudança no cotidiano pessoal e profissional (LEITE e OSTETTO, 2004, p.12).

A sensibilidade não se ensina, ela se desenvolve a partir de práticas que ampliam olhares, escutas, movimentos sensíveis; que buscam despertar linguagens adormecidas e trabalhem com o desenvolvimento do conhecimento que leva em conta o corpo, a alma e o coração. Para tanto é de grande importância que os professores, de uma forma geral, sobretudo os da primeira infância, tenham o direito de vivenciar muitas experiências que diluam as falsas contradições entre o corpo e mente, fantasia e realidade, ciência e arte. Vivenciar práticas profundas que não estejam deslocadas da vida, da cultura, da busca, da arte e que a consciência, por sua vez, possa ser deslocada, e a alegria e angústia possam surgir, pois da arte, em suas múltiplas facetas, “não emerge apenas a fada, mas a bruxa, os ódios, o fundo do baú da nossa vida” (LEITE e OSTETTO, 2004, p. 12). Enfim, experiências e vivências que os façam reconhecer seus valores, suas almas e auxiliam no poder ver, no aprender olhar. Aprender a olhar além das janelas, através das fechaduras.

É importante ressaltar que para que o pólo sensibilidade seja reconhecido e seja desenvolvido, os professores precisam de tempo e oportunidade para trabalhar com as múltiplas facetas da arte e com elas vivenciarem experiências significativas, as quais darão conteúdo para suas expressões, pois a riqueza das performances, por exemplo, depende da quantidade e da qualidade de experiências que esses são submetidas. Logo, isso também é verdade quando pensamos no trabalho com crianças da primeira infância (ALBANO, 2004), visto que é algo que reflete: quanto mais e melhores experiências proporcionarmos às crianças, mais essas estarão dispostas à criação e trarão conteúdos fantásticos em suas expressões.

No entanto, para educar, para trazer algo para as crianças, para romper fechaduras, é preciso que o professor se eduque, pois já dizia Jung “se alguém quer educar, que primeiro seja educado” (JUNG apud OSTETTO, 2006, p. 191). Então, antes de abrir as janelas das crianças, é preciso que os professores abram as suas janelas, procurem conhecer-se, olhar a criança que têm dentro de si, uma vez que

cada um tem dentro de si uma criança interna. Essa criança interna necessita ser conhecida, explorada e cuidada, porque o professor como grande mediador da atividade criadora, precisa reconhecer a criança que foi, que visão que tem de criança, de infância e qual criança está interessado em formar. Dessa forma, o professor pode (e muitas vezes, necessita) levar em conta o trabalho e o zelo pela sua alma, lembrando e refletindo que há sempre o que expandir e o que aprender em relação a consciência e autoconhecimento.

Já dizia Jung (1972) que “no adulto está oculta a criança”, então, para o professor seguir adiante em sua prática com os pequenos, precisa caminhar de mãos dadas com a sua criança, com seus tesouros ocultos e inesgotáveis, para assim, ainda ser um pouco dessa criança, pois:

“A relação será feliz na medida em que o professor não se envergonhar de ser um adulto que permaneceu um pouco mais criança do que os outros, ou antes um adulto que, melhor que os outros, reconquistou a sua infância”. (SNYDERS apud DECICO, 2006, p.13).

Para tanto, o professor da primeira infância - e me atrevo a dizer que qualquer professor - não precisa separar a pessoa que foi e é da pessoa que educa, visto que é reconhecendo o seu *outro interno*, que se conhece e compreende o outro externo. Sendo um pouco da criança que foi, o professor retorna às suas janelas, às suas descobertas, às suas angústias, aos seus medos, suas aventuras, sua maneira de sentir e reconhecer e, então, o outro, interno e externo, nos convida a uma invenção de nós mesmos e do cotidiano, achando possibilidades para romper fechaduras de outras e outras janelas.

Portanto,

“(…) deixemos que o coração seja tocado, pois o pensamento que passa pelo coração pulsa e se expande com mais força! O coração junta e distribui toda a energia da razão e do sentimento como dimensões de ser humano. Fundamental: ele clama por beleza!” (OSTETTO, 2006, p. 110).

Deixemos que o coração seja tocado, pois embora possamos reconhecer os sinais vindos das crianças dessa primeira infância, não imaginamos o que descobriríamos, quantos tesouros seriam encontrados se nos permitíssemos chegar perto e ter em nossa conduta de professor a intenção de fazer o coração ser tocado, abrir janelas para se ver com os olhos do coração.

3.1... E para destravar as fechaduras?

Embora eu tenha descoberto que para a educação ser uma educação estética, que utiliza as múltiplas facetas da arte, precisamos adicionar o pólo sensibilidade nos professores; ainda me perguntava de como surgiam essas performances? O que levava os professores a se expressarem com as linguagens da arte? O que os leva a serem também criadores? Buscando essas respostas, descobri três grandes coisas: que há um chamado para a arte, que as vivências que os professores tiveram desencadeiam a atividade criadora e que não há uma receita pronta para trabalhar com os pequenos.

Para chegar a essas descobertas eu estive em contato com duas professoras, as quais foram previamente escolhidas: a primeira foi professora Fernanda (entrevista nº01), que dá muita importância para arte no trabalho com as crianças e criadora de performances, as quais já tinha tido a chance de observar. A segunda foi a professora Vanda (entrevista nº02), professora e formadora Waldorf que tem as vivências artísticas como fonte principal de aprendizado. Pude também trocar algumas idéias com a artista e educadora dinamarquesa Anna Marie Holm, que em uma breve entrevista por e-mail, me trouxe grandes contribuições, uma vez que ela tem a arte no coração, na alma, no falar e no pensar.

A primeira descoberta foi entender que o professor que é atraído para o caminho da arte está atendendo a um chamado interior, respondendo a uma necessidade. A professora Fernanda traz essa necessidade em sua resposta quando pergunto de onde surgiu a Dona Benta:

"Então, seria muito mais gostoso a Dona Benta vir contar uma história do que eu contar uma história da Dona Benta. Então, acho que com a prática dos meus 10 anos de sala de aula nessa série, *eu senti essa necessidade*,

e depois que eu fiz uma vez, eu faço sempre, então, a gente ao longo do ano tem 10 projetos, então, em todos os projetos aparece algum personagem, ou a professora se transforma, ou a gente conta uma história dramatizando de uma forma diferente, então, sempre acontece alguma coisa nesse sentido.” (Entrevista nº01, 29/09/2010)

Quando o professor busca ou sente a necessidade da arte na sua prática, ele está a procura de algo mais profundo, da busca pelo desconhecido e acrescenta Albano (1998) que como o herói, ele está em busca de uma conquista do mundo desconhecido, do abrir janelas, sendo sua aventura a própria obra, seja essa qual for. Ademais, a arte se apresenta como a escuta a essa necessidade, a escuta da voz interior, a escuta daquilo que não conseguimos sequer pronunciar, afinal, “se não contamos com um mecanismo interior, não contamos com a arte” (ALBANO, 1998, p.83). Portanto, quem escuta esse chamado dá voz à intuição, a qual leva à expansão e à criação, atraindo com ousadia e coragem para o desvendar das janelas trancadas.

Adriana Pacheco (2008), apoiada em Tarkovski (1998), diz que “a arte nasce e se afirma onde quer que exista uma ânsia eterna e insaciável pelo espiritual, pelo ideal (...)”, constata que o artista ou qualquer outra pessoa que se propõe a entrar no caminho da arte, como forma de conhecimento, se propõe a ser um servidor da sua busca incansável por um ideal. Esse processo reside sempre na inadaptação frente aos desejos e necessidades e exige dedicação por esta busca, o que envolve traçar metas, ter intenções e objetivos, o que, de fato, envolve escolher o seu próprio caminho, a sua singularidade.

A minha segunda grande descoberta foi que o contato com a experiência artística é muito importante, pois:

“(…) desde que seja o contato com a verdadeira arte é repleta de significações na formação de qualquer pessoa, tanto adulto quanto criança. Ela fica ressoando num pulsar seguro dentro da gente, é presença marcante, lembrança, memória.” (PINHEIRO apud CARVALHO, 2009, p. 10)”

E, para o professor proporcionar essas experiências artísticas, ele, ao menos tem que ter vivenciado algumas delas, visto que não há como encorajar o outro a viver aquilo que você mesmo não viveu. Logo, a professora só vai utilizar as múltiplas facetas da arte em sua metodologia, se conseguir sentir-se a vontade em relação a atividade criadora – seja essa o trabalho com as artes plásticas, com a dança, com a música, com o teatro... Isto é, se janelas tiverem sido abertas através de experiências. Decico (2006) nos traz essa idéia, quando relata a experiência de professores em relação às performances:

“Em conversas informais durante o recreio, nas salas dos professores, percebi que as experiências anteriores vividas podem interferir na atuação docente. Aqueles professores que apresentaram restrição à caracterização de personagem em sala de aula, disseram que em sua infância não gostavam ou não tiveram oportunidade de se expor perante os outros em qualquer apresentação, fosse dança, teatro ou outros. Sentiam-se extremamente envergonhados a serem obrigados a dançar quadrilha em festa junina. Já aqueles professores que criaram seus personagens, passaram por experiências agradáveis seja em dança, teatro, jogral na escola. Poder-se-ia dizer que as experiências vividas na escola e na infância e com meus irmãos e amigos despertaram o gosto pela dramatização, por cantigas de roda etc, daí a felicidade e o prazer em interpretar personagens em minhas aulas.” (p. 12).

Portanto, o professor precisa reconhecer, viver e sentir as chaves, para poder fazer com que as crianças reconheçam, vivam e as sintam. Esse deve ter coragem para romper fechaduras de suas janelas, para poder destravar as das crianças, necessita, primeiro, abrir suas janelas, para depois ser capaz de desvendar as janelas para os pequenos; porque, “para encantar, é preciso encantar-se” (OSTETTO, 2006), é preciso reconhecer em si mesmo a capacidade criadora, a partir de experiências artísticas – sejam essas em quais facetas da arte forem.

Certamente, não foi diferente com a prof^a Fernanda:

“Então, eu fiz magistério nessa escola aqui, e a gente tinha disciplina de educação artística, né? E era muito gostosa porque nessa disciplina a gente realizava atividades artística de diferentes maneiras. (...)Era

gostosa... As aulas de Artes era em um espaço diferente, era uma professora muuui-to diferente, uma professora beem alternativa (risos), então era bem gostoso. A minha lembrança é de uma tarde bem gostosa, e eu lembro que era de sexta-feira nossas aulas de artes e ainda muitas amigas brincavam que tinham feito a unha naquele dia, mas mesmo assim, ninguém se incomodava (risos), a gente punha a mão na massa... Mexia com argila, a gente chegou uma vez fazer uma atividade com gesso, colocou uma máscara no nosso rosto, então, era beem divertido. Então, a minha lembrança de artes foi bem prazerosa." (Entrevista n°01, 29/09/2010)

Com a profª Vanda, a segunda entrevistada, também percebemos a mesma situação:

"(...) entre a minha formação de pedagogia na universidade, eu fazia junto a formação de professora Waldorf. Então, a formação na pedagogia Waldorf, metade dela é dedicada aos estudos das artes. Então, eu estudei canto, todas as artes plásticas, a escultura, a modelagem, teatro, alguns instrumentos básicos como a flauta doce, a *Kântele* que é um instrumento que a gente utiliza no jardim de infância, que só canta cinco escalas, só são 5 tons que é mais apropriado para a voz da criança pequena. (...)Na verdade, o conteúdo é desenvolvido através da vivência, então tem todo um mergulho na vivência artística, também a gente chega na parte prática, por exemplo o estudo de partitura no caso da música. Também se chega nesses pontos mais formais, porque o professora Waldorf tem que ter... Como é que ele vai dar continuidade, se ele não tem a base. Mas, tudo se relaciona primeiro na prática, nos fundamentos da artes plásticas..." (Entrevista n°02, 23/10/2010)

Portanto, faz-se necessário o professor se encantar para poder encantar, precisa um dia ter criado, para poder se aventurar nas criações das crianças, precisa apurar a sensibilidade, para compreender o mundo da infância, afinal, como ele vai abrir janelas para o conhecimento do mundo por parte das crianças, se ele não desvendou suas próprias janelas? E é inimaginável oferecer uma infância sem janelas escancaradas, porque significa não oferecer infância na inteireza ou oferecer uma infância sem poder da alma e do coração.

Enfim, o terceiro ponto foi descobrir que para trabalhar com as múltiplas linguagens da arte com as crianças não há uma receita pronta. Então, o foco não é aprender para fazer com ou para as crianças. O adulto precisa se reconhecer como sujeito criador e primeiro vivenciar, para, assim, poder proporcionar experiências de acordo com a faixa etária e necessidades de cada criança. Logo, o trabalho com os pequenos vem em um segundo momento: primeiro, o professor vivencia em si e faz para si e, posteriormente, isso pode gerar outras vivências, ou seja, a atividade artística para a criança possibilitada pelo professor, é uma conseqüência de vivências que ele já teve. Dessa forma, as performances não surgem de técnicas aprendidas. Claro que, por exemplo, quando a prof^a Fernanda encena a Dona Benta, ela pode colocar em cena algo que aprendeu, uma maneira de falar, uma técnica de voz. Contudo, o surgimento dessa intenção, dessa criação vem do vivido, pois as nossas experiências e nossas vivências marcam o que somos e cunham nossa metodologia:

“Eu sou nordestina e como formação de povo, o povo tem uma relação muito forte com a arte, então minha lembrança mais forte de viver o momento artístico eram os autos. Os autos onde os grandes faziam os teatros, tem muitas rodas, então, minha lembrança mais forte são dessas rodas de época, onde as pessoas que eu via, normalmente, na vida cotidiana, eram reis e rainhas, diabos e anjos... (...)Então, tem a música, teatro, artes plásticas, tudo junto ali..(...) Então, eu tive essa sorte de ter nascido em um berço cultural muito intenso...E ai eu sempre trazia isso para as minhas crianças, pra mim é muito importante essa arte ligada a uma veneração da cultura, e não a arte como um conceito afastado, mas uma arte que me traz esse sentimento de religar em mim, de estar religada a Deus, a minha cultura, ao meu povo e a natureza que me envolve. Essa é minha lembrança cultural e artística mais intensa e isso eu reflito muito quando eu estou com as minhas crianças fazendo a roda rítmica. Eu trago uma série de poemas e músicas que a gente desenha com isso que está acontecendo com a natureza em volta. Quando eu trago isso para as minhas crianças, na minha manifestação, eu trago junto a memória da minha infância.” (Entrevista n°02, 23/10/2010)

Observamos, então, que essas vivências não são mera reproduções e sim uma criação, como acrescenta Profª Fernanda:

“Não, nunca foi igual ao que eu vivi lá, eu não aprendia técnicas para as crianças, mas isso me inspirou bastante para criar tudo que crio... né?”
(Entrevista nº01, 29/09/2010)

Portanto, a partir das próprias experiências, as professoras podem e conseguem criar algo novo, uma vez que:

“(...) toda criação compõe-se de elementos da realidade, da experiência do ser humano, resultando de uma reelaboração desses elementos.”
(DECICO, 2006, p. 35).

Sendo assim, as performances surgem dependendo do repertório que cada professor traz e quanto mais ele abrir espaço para esse repertório ser ampliado, mais janelas serão desvendadas, e, por conseguinte, mais corações serão tocados.

3.1.1 As chaves precisam das fechaduras...

...As fechaduras precisam das chaves...

Essas três descobertas acima foram de grande valia, entretanto, uma questão ainda ficou: se esse professor de educação infantil, que utiliza as múltiplas linguagens da arte em seu cotidiano, é primeiro artista para depois ser professor, ou primeiro professor para depois ser artista?

A resposta a que cheguei foi clara: o professor pode até ser uma artista, mas não, necessariamente, para fazer uma performance precisa ser ou querer ser artista. Isso porque é importante ressaltar que a arte permite que qualquer um possa se expressar e se manifestar através suas linguagens, sem fazer disso uma profissão (ALBANO, 2007). Então, os professores de educação infantil não precisam ser antes artistas e depois professores, eles são professores que se expressam através da arte, que podem e devem ser criadores sem separar, sem segregar uma coisa da outra... como a profª Vanda nos coloca:

“Eu não consigo compreender a educação desvinculada de uma auto-educação que a arte promove. Então, para mim a figura do professor e da arte ela se mistura, se completa e a educação, antes de tudo é auto-educação. Se você está promovendo a educação de um grupo, e eu já trabalhei com as crianças de 0 a 6, que a gente chama de primeiro setênio, já levei uma turma até o 8º ano, já levei outra até o 5º ano e trabalho com adultos em formação de professores, e eu sempre me deparo com isso: a educação é auto-educação, principalmente com criança, a gente cria um ambiente, ele tem que ser estético, artístico, lúdico, para que o outro ser humano se desenvolva. Na verdade, quem se educa é a própria criança, o ambiente gera o útero onde isso é possível, então, eu não consigo desvincular, na minha vivência, nos meus 23 anos de magistério, eu tenho 39, 23 eu me dedico só a educação. E eu não consigo desvincular a atuação do professor, tudo o que ele faz tem uma relação artística, desde a hora que ele está apresentando um conteúdo formal, até a hora que ele está apresentando a física, a matemática, química, literatura. Tudo isso tem um viés da condição do homem, transmitindo, transferindo esses conhecimentos e só quem fala na alma do homem é a postura artística e isso pra mim é minha vida e minha prática. Eu só posso ser professor, se eu tiver em mim manifestações artísticas, se eu conseguir compreender o meu aluno também num processo artístico de automodelagem porque as crianças estão se modelando... E é bem o que a escola Waldorf tenta trazer pro professor: toda educação é educação artística...” (Entrevista nº02, 23/10/2010)

Portanto, essa forma de ser professor se mistura e se complementa nesse ser criador. Essas performances unem as chaves às fechaduras, não pensando em um ser artista, e sim em um indivíduo criador, o qual não se separa do professor, é uma parte fundamental.

3.2 Como se mantêm as destravas de fechaduras?

As fechaduras sempre vão existir, pois as janelas sempre estão ali, principalmente, quando falamos da educação da primeira infância. Para tanto, ficava

a imaginar o que mantêm essa ação performática; se ela se mantém na própria prática, na “educação do educador” ou nas vivências com o outro?

Primeiramente, a utilização das diversas chaves se mantém pela necessidade que os professores de educação infantil têm de chegar no coração e infiltrar na alma dos pequenos, se mantêm na necessidade de ensinar através do poder da sensibilidade, como diz prof^a Fernanda:

“Parece que quando a gente entra no curso infantil, a gente incorpora algumas coisas que as vezes a gente nem vivenciou, como eu pude vivenciar... Porque a necessidade acaba fazendo isso, então, não tem como você prender a atenção de uma criança de 5 anos, de 3, 2 sem cantar uma música, sem contar uma história, sem assistir um filme, sem dançar com eles... Então, essas crianças necessitam que a gente fique igual a eles, então, eles precisam ter uma professora que fale a mesma língua, e esse mundo da arte, esse mundo do faz-de-conta, esse mundo do visual, para as crianças é muito importante.” (Entrevista nº 01, 29/09/2010)

A educação infantil, em seu contexto lúdico e mágico, pede para que os professores sejam criadores e se a necessidade é pressuposto, a criação tem que ser mantida, porém é preciso agregar elementos para essa ação. Eis a questão: como agregar elementos para essa ação?

Uma grande maneira é retornar naquela idéia aqui já exposta do EU-TU, o eu (que faço) e o tu (que admira). A relação com o outro, seja ele o outro interno e o outro externo é extremamente importante para a manutenção da prática. A primeira (relação), porque o nosso interno nos auxilia a compreender o poder das coisas sensíveis que a manifestação artística provoca. A segunda, porque o outro externo nos instiga e nos permite ver o que não vemos, e simplesmente, aprendemos com o outro.

O processo de experiências vividas por um professor, a especificidade e a facilidade de cada um torna-se alimento para intercâmbio com o outro:

“(...) porque cada professora tem uma característica, umas gostam mais de cantar, outras gostam de dramatizar, outras gostam mais de desenhar,

depende da experiência que cada uma teve, então, assim, nisso a gente vai trocando... Aqui no nosso curso infantil é muito gostoso, porque eu acho que uma completa a outra, é uma colcha de retalhos, se uma não tá, tá faltando alguma coisa, uma vem com a oração, outra vem com a cantoria, outra vem com o desenho... Então, assim, e... Trazendo isso a gente acaba trocando experiências, e acrescentando no nosso trabalho.” (Fernanda, 29/09/2010).

Logo, os professores aprendem entre si, trocam as chaves, encorajam um ao outro a romper fechaduras e reforçam, assim, suas práticas, sendo que cada um com sua especificidade pode ser um grande inspirador de criação para o companheiro de trabalho. O encontro com outras janelas abertas facilita o olhar para diferentes ângulos e faz o nosso trabalho expandir, visto que quando compartilhamos algo, colocamos sentido nesse, pois a arte também é a arte do encontro:

“(…) não pode ser apartado também com a gente (profesores) , faz parte das reuniões dos professores chegar e se colocar diante da arte do encontro, você precisa encontrar o outro. Nas reuniões a gente tem também essa preocupação de como nos sensibilizar, porque a coisa mais difícil hoje é a convivência, as idéias diferentes, na nossa escola que não tem um chefe, um patrão, uma direção ou uma coordenação que manda na gente, se a gente não tiver um ambiente artístico, fica uma ingovernabilidade, então, nós nos encontramos como seres, também através da arte. Muitas vezes, nós resolvemos um problema, antes da questão prática, porque a gente teve um encontro artístico primeiro. E isso também conta muito e encurta caminhos.” (Vanda, 23/10/2010).

Os colegas de trabalho, os professores que dividem as aberturas de janelas para o mundo nessa primeira infância são essenciais para manter esses elementos que dão vida a ação performática individual, é a chamada educação dos companheiros (PACHECO, 2008).

Retomando a idéia de que só se leva o outro a viver uma aventura, que nós mesmos já vivemos (ALBANO, 1984), para manter os elementos que dão vida às ações, os professores precisam vivenciar práticas que sensibilizem os movimentos,

apurem o olhar e a escuta, que os levem ao encontro do outro interno, os coloque em contato com as diversas linguagens da arte para que os corações sejam tocados. Foi interessante perceber, e, portanto, urge ressaltar que as professoras entrevistadas têm a arte infiltrada na sua própria vida:

“Eu acho que a arte é minha vida mesmo, o que eu vivo aqui, é algo contínuo, sempre uma busca, porque eu danço, eu canto, eu enceno todo dia... (risos)” (Fernanda, 29/09/2010).

“Como eu sou formadora de professores, eu tenho uma prática artística constante... Meu marido também é professor Waldorf, e ele é muito relacionado com a pintura, a gente pinta em casa, a gente tem as aquarelas; tenho uma filha pequena de 6 anos e tenho um de 17, já tento cultivar o ambiente artístico em casa. Eles se soltam e a gente tem os encontros nos domingos, que a gente chama de dominical, onde cada um apresenta o que está fazendo: uma música, uma poesia...” (Vanda, 23/10/2010).

Dessa forma, o professor, sobretudo o da primeira infância, precisa cuidar da educação de si, a busca é contínua, o olhar para a sensibilidade precisa sempre ser apurado e o professor precisa ir atrás do seu brilho, para poder brilhar com e para as crianças pequenas (LEITE e OSTETTO, 2004).

3.3 A janela aberta depende...

A janela aberta depende do professor perceber e compreender que uma de suas tarefas mais importantes está em estimular e incentivar, continuamente, a formação de relações sensíveis, ricas e flexíveis. Cada professor, em sua engenhosa arte de educar poderá ou não atravessar o portal da magia, do encantamento e do maravilhamento. A utilização das chaves depende do professor, pois para romper as barreiras das fechaduras, esses precisam desejar e ter coragem.

Muitas vezes, a coragem para ensinar é o mais difícil, porque para abrir janelas precisamos estar em contato com o sensível, e nem sempre, esse contato é

agradável... Pois a arte faz emergir o que nos alegra, mas também o que nos angustia. Então, é mais fácil fazer o usual, fazer o que todo mundo faz, assim como coloca Holm:

“(...) Nós preferimos fazer da maneira como estamos acostumados. Assim, o processo artístico não aparece. Deixar o campo da artístico ser um local onde a vida pode chegar com tudo que ela tem a oferecer. É ousar fazer o que não é correto, fazer o que é alternativo. Estar junto no processo é importante.” (Entrevista nº 03, 04/10/2010)

A proposta é ter coragem para ensinar, coragem para abrir janelas e coragem para utilizar as chaves que rompem fechaduras, ou seja, coragem para proporcionar um lugar seguro para que a alma possa se manifestar. Quando pensamos em fazer, como a Anna Marie Holm apontou, o usual, estamos resolvendo problemas externos, que embora bastante burocráticos, conseguimos solucionar com facilidade. No entanto, quando se trata de pensar nos problemas internos ou pensar nas fechaduras da janela, temos a tendência de ignorar, porque envolve explorar o mundo sensível, desconhecido e isso causa angústia uma vez que não temos o domínio das coisas subjetivas.

É por isso que precisamos ter coragem para ensinar pela sensibilidade, pois depende da compreensão e do acolhimento da alma. Felizes, portanto, os que vivenciam, buscam experiências e práticas que elucidem o poder de sua alma e de seu coração, fazendo com que transpassem e cheguem aos corações e na alma dos pequenos, pois quando os professores percebem o que está adormecido neles, conseguirão perceber o que está adormecido em suas crianças, e assim, fazem um trabalho melhor na abertura de janelas. Ademais, para que o aprendizado ocorra, a relação entre professor e criança tem que ser profundamente humana, dando espaço para que os pequenos tenham suas sensibilidades acolhidas.

Embora as fechaduras existam, as chaves também. Portanto, é preciso que o professor tenha coragem e vontade, que arrisque-se pelo desejo e pela criação.

CONCLUSÃO UM RECOMEÇO....

Quando as observações, as leituras e, sobretudo, as entrevistas terminaram, eu fiquei encantada com os resultados. Não que tenham sido os próprios resultados que me surpreenderam, uma vez que eu já tinha algumas hipóteses de respostas, no entanto, a forma com que as descobri e as confirmei, o contato com as professoras foi mágico, foi apaixonante. Descobri, nas idas e vindas, quatro grandes coisas.

A primeira é que para a educação ser uma educação estética, pautada nas diversas linguagens da arte, é necessário desenvolver a sensibilidade dos professores. A segunda é para que isso aconteça nos professores da primeira infância não cabe separar o ser professor do ser criador. A terceira é que “para encantar, é preciso encantar-se” (OSTETTO, 2010), então ações performáticas não são cópias de vivências passadas, mas surgem de vivências que os professores experimentaram/tiveram, de um coração que um dia foi tocado e de fechaduras que foram destravadas para a abertura de janelas. E, por fim, a quarta consiste em perceber que a ação performática se mantém no dia-a-dia, em cada amanhecer o professor experimentar em si mesmo - sozinho, com as crianças, em ambiente escolar, em casa, na rua, com outros colegas - uma nova chave, uma nova fechadura, uma nova janela.

É importante ressaltar que essas quatro descobertas não se baseiam na tentativa e em um pedido de que os professores de educação infantil sejam artistas; elas se baseiam na necessidade e na possibilidade delas serem, em seu cotidiano escolar com os pequenos, pessoas criadoras. E para sermos criadores, nós podemos fazer muito, com muito pouco; pois a finalidade da arte-educação é garantir que os indivíduos se tornem cada vez mais criativos, não importando em que campo é aplicada essa capacidade, o importante é lhes apontar a capacidade de abrir janelas para o mundo desconhecido.

Já dizia Comenius que “ensinar é a arte de todas as artes”, portanto, é um ofício belo. E se ensinar, na primeira infância, é uma atividade criadora, a criatividade, ademais, precisa fazer parte do cotidiano dos professores. Desenvolver

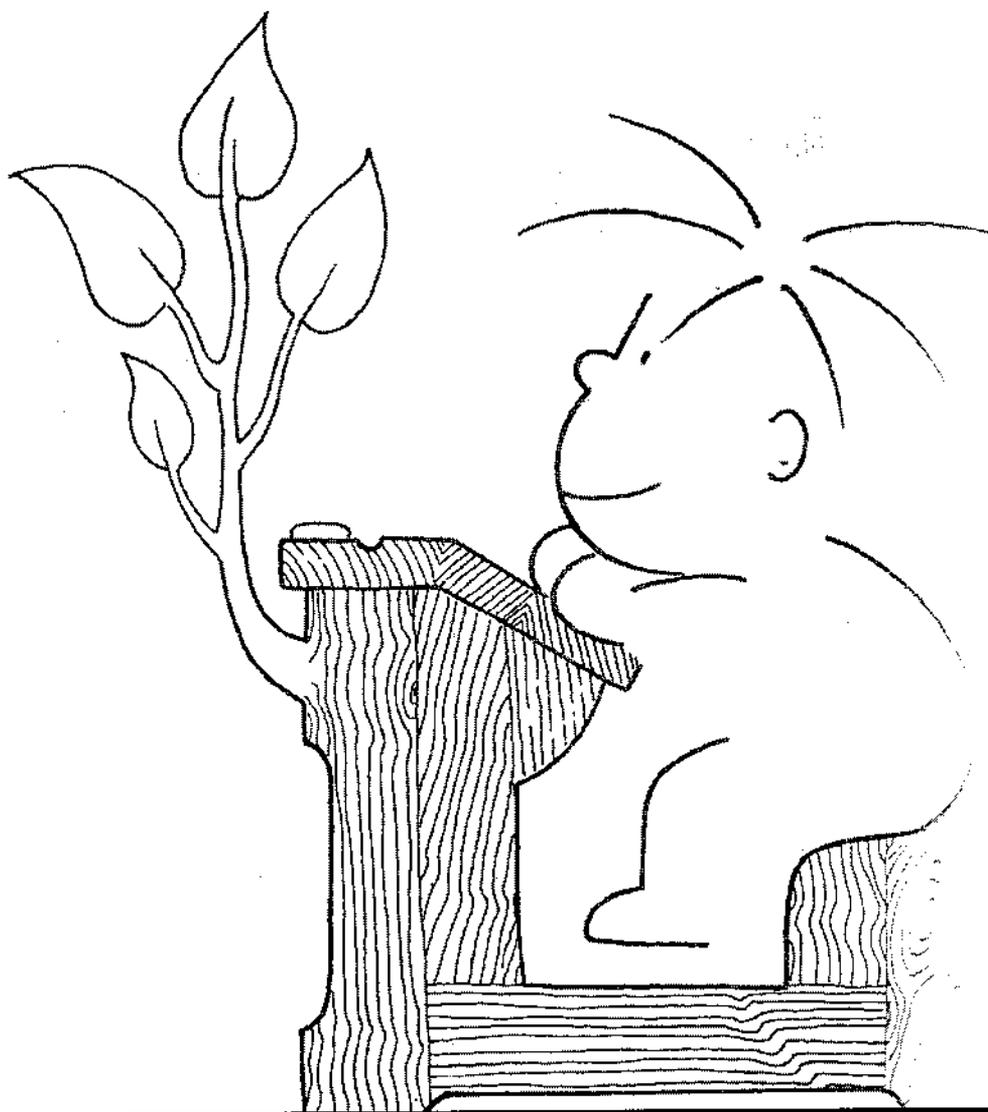
a atividade criadora é abrir-se ao desconhecido. É buscar as chaves para romper fechaduras, sem saber o que vamos encontrar depois da janela aberta. Dessa forma, a atividade criadora só se desenvolve quando estamos engajados de uma maneira física e espiritual (PRICE⁹), como certa vez eu estava:

“Eu nunca mais iria conseguir retomar ou refazer aqueles passos, aquele desenho, aquela dança. Isso foi aquela hora, com aquelas pessoas , naquele dia, naquela semana, naquele momento da minha vida. Eu jamais conseguiria reproduzir com as crianças, tanto porque não era uma forma pronta, mas aquilo ali era uma marca, era uma experiência em mim, está no meu corpo, nos meus sentidos, abrindo caminhos para um trabalho que será meu. Essa experiência eu vivi, essa será geradora de outras mil experiências. As aulas do Laborarte são assim para mim, algo que toca profundamente, que me faz sair de lá com vontade de pintar um desenho, ouvir uma música, dançar, encenar, buscando o que de mais belo eu tenho para oferecer. A arte é assim, ela não tem que ser aprendida, ela tem que ser vivida, vivida profundamente, como algo que toca onde nunca foi tocado.” (Caderno de campo, 17/09/2010)

Portanto, aqui estabeleço um recomeço, um recomeço de vida, afinal, não consigo inumerar em quantas coisas minha vida se transformou a partir do momento em que dei voz e espaço para emergir o meu outro interno. Eu tinha janelas, me deram as chaves e eu rompi as fechaduras. Contudo, é só um recomeço, pois devo sempre refletir sobre minha própria prática e buscar nas chaves uma maneira muito minha de abrir janelas para os pequenos, sem assim, precisar e querer ser artista. E, se assim for, um dia as classes florescerão de tantas janelas abertas...

⁹ Reunião do grupo de pesquisas Laborarte ministrada pelo artista plástico Graham Price no dia 17/09/2010

**Mas um dia...
as classes florescerão**



(TONUCCI, 1997, p160)

ANEXOS

Entrevista N°01

Nome: Fernanda Agustuni de Jesus

Idade: 30 anos

Formação: Pedagogia

Profissão ou Função: Professora

Lugar de Trabalho: Colégio Franciscano Ave Maria

Cidade/Estado: Campinas-SP

Data da Entrevista: 29/09/2010

Lugar da Entrevista: Colégio Franciscano Ave Maria

Tempo de Duração: 40 minutos

Legenda: B – Entrevistadora, F – Entrevistado

B: Bom, eu estou aqui com a professora Fernanda, ela é professora do colégio no qual estou fazendo minha pesquisa. Professora do Infantil III, que são as crianças de 4 anos. Primeiramente, eu irei fazer algumas perguntas que não estão na minha pesquisa, depois, eu vou afinando para chegar no meu tema. Bom, Fer! Para a primeira pergunta, eu gostaria de saber como é seu cotidiano? Não só o seu cotidiano aqui no colégio, mas como você faz as coisas ai durante o dia...

F: Tá! Eu trabalho no período da tarde, então, eu só trabalho meio período, de manhã eu fico em casa com a minha filha, fazendo coisas de casa, cuidando dela, brincando com ela. E a noite também, mas o nosso trabalho na escola não tem como a gente sair e fechar a porta da nossa sala e esquecer; a gente sempre tem alguma coisa pra fazer em casa, ou pesquisa, ou atividades propriamente ditas. Ontem, por exemplo, a noite fiquei fazendo uma atividade de pesquisa e recorte para hoje continuar um trabalho com as crianças. Então, assim, é uma rotina, que está sempre envolvendo a escola.. A gente vive sendo professora (risos). A gente não só está sendo professora, a gente é, realmente, professora. Principalmente, as professoras de educação infantil.

B: Isso, exatamente... E como que é o cotidiano aqui na escola, com a sua turma, sempre tem alguém com você? Ou...?

F: Então, a minha série do infantil III, que são as crianças de 4 anos, eu tenho uma professora auxiliar que tá comigo o tempo todo, me ajudando na parte pedagógica, me ajudando no geral, como levar uma criança ao banheiro, por exemplo. Então, assim, minha turma é uma turma de 17 crianças, então é um número gostoso de você trabalhar, nem muito, nem pouca criança; é uma sala muito falante. Então, a gente trabalha, quando eles chegam, com a acolhida, a gente organiza uma rotina, eles sabem tudo o que vai acontecer durante o dia; todos os dias a gente tem atividade fora de sala de aula, como o parque, uma casinha de brinquedo que tem na escola; a escola oferece pra gente vários espaços e esses espaços são aproveitados todos os dias, além de atividades em papel, né? De registro que a gente também realiza quase todos os dias. Então, a nossa rotina é bem dinâmica, a gente fica em vários lugares no mesmo dia. Então, não dá pra cansar e nem enjoar, é bem gostoso...

B: Ai legal... E dentro, dessa rotina, onde entra a arte aqui dentro do Colégio?

F: Na verdade, eu acho que a arte tá presente em quase todos os momentos, né? Então assim, quando chega a gente faz a acolhida com as crianças, a gente canta com as crianças, a gente trabalha alguma coisa relacionada com história, com poesia, com lendas que eles trazem pra gente ou que está já dentro dos nossos projetos. Então, nas horas das atividades a gente propõe pinturas de diferentes maneiras, né? De diferentes técnicas com tintas, com cola colorida, com giz de lousa. Então assim, a arte tá presente em quase todos os momentos do nosso dia, né? Quando a gente brinca, a gente dança, a gente canta, a gente...

B: Certo... (risos)

F: (...) corre, então, a gente tem expressão corporal. Então, eu acho que assim, a maior parte do nosso dia, a gente trabalha sem querer com a arte.

B: Certo... E qual é a sua última lembrança na educação artística? Você! Você como pessoa...

F: Então, eu fiz magistério nessa escola aqui, e a gente tinha disciplina de educação artística, né? E era muito gostosa porque nessa disciplina a gente realizava atividades artísticas que a gente poderia, futuramente enquanto professoras, aplicar com as crianças, mas que partia de uma vivência nossa. Então, eu lembro que a gente tinha uma pasta só de atividades de dobraduras, a gente tinha uma pasta só

de atividade de diferentes técnicas de pinturas. Eu lembro que a gente fez uma vez pintura com alimento...Então, a gente fez carimbo com batata, carimbo com laranja, né? Molhando na tinta e carimbando. Então, assim, era uma atividade muito gostosa e eu uso bastante isso com os meus alunos. Várias técnicas que eu aprendi na disciplina de educação artística, com as crianças...

B: Tá... Então, na verdade, primeiro foi uma vivência que foi sua, então que você primeiro vivenciou para depois criar algo para as crianças?

F: Não, nunca foi igual ao que eu vivi lá, eu não aprendia técnicas para as crianças, mas isso me inspirou bastante para criar tudo que crio ...né?

B: Tá... E, por exemplo, e lá era gostoso você fazer essa atividade? Então, você tem uma boa lembrança ou não?

F: Era gostosa... As aulas de artes era em um espaço diferente, era uma professora muuui-to diferente, uma professora beem alternativa (risos), então era bem gostoso. A minha lembrança é de uma tarde bem gostosa, e eu lembro que era de sexta-feira nossas aulas de artes e ainda muitas amigas brincavam que tinham feito a unha naquele dia, mas mesmo assim, ninguém se incomodava (risos), a gente punha a mão na massa... Mexia com argila, a gente chegou uma vez a fazer uma atividade com gesso, colocou uma máscara no nosso rosto, então, era beem divertido. Então, a minha lembrança de artes foi bem prazerosa. Só que eu só tive no Magistério, já na faculdade de Pedagogia, isso não aconteceu...

B: Não aconteceu... E assim, você não tinha nenhuma disciplina voltada pra Artes?

F: Não! Nenhuma disciplina. Se acontecia alguma coisa era nas ' Metodologias' falavam-se, mas assim, muito vago, que a gente acabava incorporando, e adaptando.. Encaixando onde a gente queria, mas uma disciplina de artes eu não tive na minha faculdade.

B: Entendi... E essa professora que foi ai a guia em um monte de atividades, ela trazia uma atividade pronta pra vocês? E vocês criavam em cima disso ou não?

F: Sim, sim... Era sempre uma proposta dela, mas a partir da proposta dela a gente criava. Então, nunca nada era igual...

B: Certo...

F: E ela trabalhava muito com grupos, né? Então, assim, os grupos...

B: Vocês podiam se interagir...

F: Isso... Os grupos criavam e a gente fazia coisas fantásticas, assim... Então, tinha maquete que a gente fazia em grupos...E as vezes, uma idéia puxava a outra, ela (se referindo a professora do Magistério) mesmo falava “Eu nem tinha planejado isso, mas como vocês fizeram isso, nós vamos fazer agora tal coisa...” . Então... E eu acho que a artes não dá pra ser fechada, né? Porque usa demais a nossa criatividade...

B: Sim, com certeza... E você acha... Assim... Você tem saudades disso?

F: Muito...

B: Você acha que é importante isso para a professora, principalmente para a professora de Educação Infantil ou você acha que é uma coisa que poderia passar despercebido?

F: Não, não... Eu acho muito importante porque assim... É... A maioria das atividades, como por exemplo, ‘como a criança pega no lápis’, eu aprendi, nessa disciplina, a preensão adequada, qual era a forma mais fácil para a criança colorir, pra não tá cansando a mão, pra ficar de uma maneira clara e correta. E eu achava interessante, por exemplo, nas produções que a gente fazia, a gente sempre escrevia o que a gente tinha feito, e ela dizia que isso não estava certo... Numa produção de artes cada um vai interpretar de um jeito, a gente não tem que dizer o que é... E eu faço muito isso com as crianças, então, quando dou uma pintura livre, eu deixo sem escrever, porque as vezes naquele momento o que eles pintaram é um sol, e outro momento o que eles pintaram é um.. um circo amarelo. Então, assim, e ai que é gostoso porque daí que a gente vai aguçando a criatividade deles.

B: Isso, legal... E outra coisa que eu queria te perguntar... Hoje, então, você tem não tem uma atividade permanente na arte?

F: Não, não... Na minha vida fora daqui não...

B: Não...

F: Eu acho que a arte é minha vida mesmo, o que eu vivo aqui, é algo contínuo, sempre uma busca, porque eu danço, eu canto, eu enceno todo dia...(risos)

B: Entendi... O que você vive, não as coisas, não uma coisa fora daqui?

F: É... É!

B: Entendi, e outra coisa que eu queria perguntar: e você acha que isso, você já falou em algumas falas que você acha importante, mas você acha, de fato, que tem

que existir isso na educação infantil? Na escola sempre tem uma professora de artes que pode usar, mas e você como professora de educação infantil usar essa arte como uma ferramenta, porque você diz que usa, mas e a importância disso? Você acha importante?

F: Eu acho muito importante, assim como a gente tem aula de música, com professor específico, aula de educação de educação física com uma professora específica, eu acho que por mais na nossa prática a gente trabalhe bastante artes, eu acho que ainda falta fundamentações... Eu tive a sorte de ter no Magistério... Hoje, não existe mais o Magistério, não são todas as faculdades que abordam isso, e isso faz falta porque a gente pre-ci-sa dela pra isso, como conceitos básicos que eu tava te falando, como realizar uma pintura, como segurar no pincel, como nomear os pincéis, se a gente não tem quem ensine, também a gente não pode tá ensinando...

B: Sim, com certeza...

F: Eu acho que seria interessante. Aqui na nossa escola a gente tem um espaço de sala de artes para isso. Então assim, querendo ou não, um dia da semana a gente vai nessa sala de artes e lá a gente trabalha, propriamente dito, a arte, porque em outros momentos ela tá embutida nas minhas atividades, não é meu objetivo que a criança faça daquela produção um trabalho artístico, mas tem um dia da semana que a gente utiliza essa sala e lá nessa sala a gente faz só atividades que envolvem a arte.

B: Mas, também você já parou para pensar que mesmo que você não tenha objetivo que seja um trabalho artístico, tudo isso é arte...

F: Sim, é verdade...

B: Né? Porque ele tá vivendo isso, né? Então, ele tá respirando alguma coisa diferente do que propriamente uma pedagogia voltada pro cognitivo, por exemplo, né? Ele tá sentindo outras coisas que pra gente eu acho que é importante...

F: Ah sim, com certeza...

B: Né? E outra coisa que eu queria te perguntar, dentro de tudo isso que eu tô te falando, como que surge tudo isso pra você? Porque eu assisti as suas performances que a gente pode chamar, eu vi você se vestindo de Dona Benta, eu vi você contando a história do Bumba, meu Boi pra eles, retomando o que a

professora de música já tinha feito, o trabalho que você fez com eles da montagem do Bumba, da escolha da música, depois deles dançarem e também vi sua história contada da lenda da Iara e de onde você acha que surge tudo isso? Então, da onde surgiu, uma vez na vida, como que você pensou nisso tudo?

F: Eu acho assim, eu gosto muito desse trabalho do faz-de-conta e essa minha série é uma série muito gostosa porque eles acreditam muito nisso, né? No lúdico, no mundo imaginário... Então, todos os projetos eu procuro montar alguma atividade onde eu possa tá desenvolvendo essa arte de uma forma muito concreta. Então, assim, eu me transformo em Dona Benta porque naquele momento não é a professora Fernanda que tá dando a aula, é a Dona Benta que vem. E daí entra a magia, entra o lúdico que é gostoso, o faz-de-conta. Então, assim, eu acho que isso surgiu da minha vivência, que eu achava falta de alguma coisa mais concreta, mais perto do mundinho deles, entendeu? Então, seria muito mais gostoso a Dona Benta vir contar uma história do que eu contar uma história da Dona Benta. Então, acho que com a prática dos meus 10 anos de sala de aula nessa série, eu senti essa necessidade, e depois que eu fiz uma vez, eu faço sempre, então, a gente ao longo do ano tem 10 projetos, então, todos os projetos aparece algum personagem, ou a professora se transforma, ou a gente conta uma história dramatizando de uma forma diferente, então, sempre acontece alguma coisa desse sentido.

B: Aham...

F: E depois que eu percebi isso, eu vi que fica muito mais fácil da gente tirar das crianças o que a gente ensinou, então, a gente percebe que, realmente, que tudo que foi ensinado, foi entendido...

B: Então, a arte, por exemplo, nessas dramatizações que vocês fazem, essas músicas que vocês cantam, é uma coisa que aproxima vocês dessa criança?

F: Sim... Exatamente, acho que você falou tudo... A nossa real intenção.

B: Entendi. Quando eu assisti a sua performance de Dona Benta você falou pra mim assim: 'Viu que legal, no começo eles não querem acreditar, eles querem continuar achando que é a professora Fernanda...'

F: Eles querem me convencer que eu não sou a Dona Benta, que eu sou a professora Fernanda (risos)...

B: E, no fundo, depois você me disse que depois acreditar na magia é mais gostoso, né?

F: E depois assim, o jeito que eles falam, o brilho que a gente vê no olho deles falando da Dona Benta, da visita dela, o quão isso foi importante pra eles, é muito gostoso, é muito legal, a gente se sente gratificada...

B: Gratificada, com certeza! E pensando assim... Você teve essa vivência que foi muito artística lá no seu magistério, né? Mas, pensando as professoras de educação infantil, em geral, você pensando nas suas colegas aqui de trabalho, que você também percebe que a arte tá ali nelas de alguma maneira, como que você acha que é essa vivência, na verdade, ela surge de uma professora que primeiro ela... Como ela consegue de onde surge tudo isso, né? Porque de alguma forma você viveu tudo isso e algumas pessoas não vivem, algumas professoras não vivem, e elas chegam no curso infantil, não que elas se sentem obrigadas, mas parece que isso flui, é da professora, né?

F: Eu acho que é isso mesmo... Parece que quando a gente entra no curso infantil, a gente incorpora algumas coisas que às vezes a gente nem vivenciou, como eu pude vivenciar... Porque a necessidade acaba fazendo isso, então, não tem como você prender a atenção de uma criança de 5 anos, de 3, 2 sem cantar uma música, sem contar uma história, sem assistir um filme, sem dançar com eles... Então, essas crianças necessitam que a gente fique igual a elas, então, elas precisam ter uma professora que fale a mesma língua, e esse mundo da arte, esse mundo do faz-de-conta, esse mundo do visual, para as crianças é muito importante, então, mesmo que as professoras não tenham tido experiência, não viveram isso, quando elas entram aqui, elas acabam encontrando, de alguma forma, a necessidade de fazer isso e faz, e faz muito bem feito, e isso é bem legal.

B: É, isso, exatamente, é isso que eu percebo (risos)... E outra coisa também, você acha que vocês aprendem entre vocês?

F: Ah, com certeza...

B: Então, colegas, que, na verdade traz um pouco mais essa arte, aproxima vocês dessas vivências?

F: Com certeza, porque cada professora tem uma característica, umas gostam mais de cantar, outras gostam de dramatizar, outras gostam mais de desenhar, depende

da experiência que cada uma teve, então, assim, nisso a gente vai trocando... Aqui no nosso curso infantil é muito gostoso, porque eu acho que uma completa a outra, é uma colcha de retalhos, se uma não tá, tá faltando alguma coisa, uma vem com a oração, outra vem com a cantoria, outra vem com o desenho... Então, assim, e... Trazendo isso a gente acaba trocando experiências, e acrescentando no nosso trabalho.

B: Ah, com certeza...E por fim, eu só queria perguntar, você disse, você não tem uma atividade permanente porque você já vive essa arte ai continuamente no seu dia-a-dia com as crianças, inventando coisas pra eles, mas você já parou pra pensar se seria legal o colégio talvez trazer algumas vivências pra vocês? Ou você acha que isso não é importante, que não te faz falta?

F: Não, eu acho muito importante porque eu acho que sempre o que vem a acrescentar vai tá ajudando, sempre um algo a mais vai ta ajudando... A gente tem um projeto só de artes que vai começar no mês de novembro mais ou menos, e nesse projeto, a escola traz algumas oportunidades pra gente ta aprendendo mais, ou com escritora de livro, ou com artistas de teatro, então, a gente tem um pouco essa vivência.... Mas, acontece só durante esse projeto, então, eu acho que assim ao longo do ano se pudesse proporcionar outras atividades específicas de artes não só para os alunos, mas pra gente, pra depois a gente tá passando, eu acho que seria muito interessante, com certeza.

B: Ah, então, ta bom, muito obrigada pela sua entrevista, e a gente se vê no TCC.

F: Magina...

B: Tchou... (risos)

F: (risos)

E fim.

Entrevista Nº02

Nome: Vanda Elisa

Idade: 39 anos

Formação: Pedagogia e Formação Waldorf

Profissão ou Função: Professora e vice-membro da Coordenação e Direção Pedagógica

Lugar de Trabalho: Escola Associativa Waldorf Veredas

Cidade/Estado: Campinas-SP

Data da Entrevista: 23/10/2010

Lugar da Entrevista: Escola Associativa Veredas

Tempo de Duração: 20 minutos

Legenda: B – Entrevistadora, V – Entrevistado

B: Bom, eu estou aqui com a professora Vanda, ela é professora do jardim, da escola Veredas, que é uma escola Waldorf, e eu vou perguntar para ela algumas coisas sobre a minha pesquisa, que faço relação entre a arte e a educação infantil. Vanda, a primeira coisa que eu queria saber é como que foi a sua formação? Como que a arte entrou na sua formação? Se você fez a pedagogia Waldorf ou não, se você fez só a pedagogia?

V: Bom, primeiro eu fiz o curso normal, como é que se chama aqui?

B: Humm, pedagogia?

V: Não...

B: Ah! Magistério?

V: Isso, magistério, depois me formei como pedagoga, e entre a minha formação de pedagogia na universidade, eu fazia junto a formação de professora Waldorf. Então, a formação na pedagogia Waldorf, metade dela é dedicada aos estudos das artes. Então, eu estudei canto, todas as artes plásticas, a escultura, a modelagem, teatro, alguns instrumentos básicos como a flauta doce, a *Kântele* que é um instrumento que a gente utiliza no jardim de infância, que só canta cinco escalas, só são 5 tons que é mais apropriado para a voz da criança pequena. Então, eu fiz a formação de educação artística junto com a formação de pedagogia Waldorf.

B: Certo... Então, na verdade, é curso... Eu já conheço, já ouvi falar desse curso. É um curso fora do período normal, acho que acontece aos finais de semana, né?

V: Isso, ou semanas cheias!

B: Tá... Certo! E que a arte está muito envolvida, né?

V: Ela tem o mesmo peso dos conteúdos formais...

B: Certo, e sempre por experiências, então, a professor não vai só como conteúdo e passa, vocês vivem aquilo, como acontece diariamente aqui?

V: Na verdade, o conteúdo é desenvolvido através da vivência, então tem todo um mergulho na vivência artística, também a gente chega na parte prática, por exemplo o estudo de partitura no caso da música. Também se chega nesses pontos mais formais, porque o professora Waldorf tem que ter... Como é que ele vai dar continuidade, se ele não tem a base. Mas, tudo se relaciona primeiro na prática, nos fundamentos das artes plásticas... A história da arte também aparece, mas mais para o pessoal do ensino fundamental, então, no curso eles fazem módulos mais específicos de história da arte. Mas, o professor de jardim de infância se dedica a transformação dele em um ser artístico, que na verdade é esse o trabalho do jardim de infância, não é a arte do conteúdo conceitual, mas é a vivência da arte. Então, temos que ter, por exemplo, a voz colocada, estudada, para que as crianças imitem o meu ser artístico. Ela não tem a aula separada de educação artística, o professor é um artista na sua postura. Ele desenvolve a arte a partir de uma habilidade pessoal e muito seriamente porque faz parte dessa constituição da criança que aprende por imitação, olhar para o adulto que está na sua frente, com as habilidades que ele conquistou, e formar as suas predisposições pro futuro, por isso que esse professor tem que ter o domínio de uma série de habilidades artísticas, desde a pintura, desenho... Mesmo assim na relação com o espaço físico, a organização da sala de aula de Jardim Waldorf... É tudo pensado, qual é a luz que entra, como é que o sol penetra na cortina, que luz provoca, o material mais natural possível, que dá uma sensação artística diferente de um material artificial. Então, todo jardim de infância tem uma preocupação artística, porque a arte na pedagogia Waldorf tem a ver com a formação moral, ética. Então, quanto mais belo, mais harmonioso, mais profunda essa relação com a natureza e com os conteúdos do mundo, também, mais a criança vai viver o bom. O mundo é bom, o mundo é bom porque é bonito, o mundo

é bom porque foi pintado por um adulto, o mundo é bom porque me recebe com amor. Esse é o sentido da arte no jardim, é formar um envoltório, para que a criança se desenvolva fisicamente, e aí não é que eles ficam artistas, mas eles têm um potencial de sensibilidade pro mundo, pro belo, pro bom e pro verdadeiro diferenciado.

B: Legal.. Então, assim, eu não preciso nem perguntar, mas, você acha muito importante a arte na educação infantil?

V: Fundamental! Mesmo porque a criança pequena ela ainda não está formada, o sistema nervoso central dela ainda está em processo de formação que só se dá aos 7 anos. Então, tudo o que trago de intelecto, de conteúdo intelectual, por isso que nós não alfabetizamos no jardim de infância Waldorf, nós não alfabetizamos porque a gente compreende que a criança ainda não tem a separação do mundo suficiente do pensamento abstrato, frio e intelectual. Então, a gente dá uma formação artística, uma vivência direta dos sentidos da criança com o mundo e a partir disso quando esse sistema nervoso central está preparado, tem esses estímulos do lúdico, do poético, do musical, do histórico, ele está envolvido nessas vivências artísticas. O professor é diferente, o professor se habilita, pratica a arte como ferramenta de trabalho, ela pega essas vivências organizadas em um tempo, num ritmo durante a semana, e a criança vai se fortalecendo animicamente, toda a sua situação afetiva, estrutura de alma, e vai se estabelecendo, também, pra quando chegar nesse momento do amadurecimento neuro-sensorial, ela tem uma disponibilidade para o aprendizado de letração, de números, ele tem um terreno muito mais forte, para se criar. Então, nós fazemos modelagem toda semana, nós fazemos pintura, desenho todos os dias, as crianças tem uma necessidade de atuar, vontade de se colocar desenho livre, a gente utiliza giz de cera...

B: Aquele maior...

V: É maior, quadrado.. O nosso é feito de cera de abelha, então tem todo um cheiro da natureza, o pigmento mais natural possível... Nossas tintas são tintas retiradas de pigmentação natural, não são tintas artificiais, tintas naturais, que a gente até traz de outros lugares, Alemanha porque a gente quer que tenha esse cheiro da natureza... Porque, por exemplo, o guache não tem essa relação com o ambiente como essas tintas tem.

B: E qual é a sua última lembrança artística?

V: Minha pessoal?

B: É...

V: Ou com as crianças?

B: Não, sua, pessoal!

V: Eu sou nordestina e como formação de povo, o povo tem uma relação muito forte com a arte, então minha lembrança mais forte de viver o momento artístico eram os autos. Os autos onde os grandes faziam os teatros, tem muitas rodas, então, minha lembrança mais forte são dessas rodas de época, onde as pessoas que eu via, normalmente, na vida cotidiana, eram reis e rainhas, diabos e anjos...

B: E isso era dentro da escola?

V: Não, isso no Ceará ainda, Fortaleza, tem isso agora como ponto de cultura, de resgate, mas fazia parte de nossa vida de criança. Então, no nordeste ainda tem umas pequenas encenações, no Sertões, ainda, existe essa cultura local fazer parte das festas religiosas. Então, isso me facilitou... A vivência do Boi, da festa do Boi Bumba; a vivência das festas de Nossa Senhora, as vivências das festas de 'culto' dos nordestinos, que são muito fortes. Então, tem a música, teatro, artes plásticas, tudo junto ali..

B: As múltiplas facetas da arte...

V: Então, eu tive essa sorte de ter nascido em um berço cultural muito intenso... E aí eu sempre trazia isso para as minhas crianças, pra mim é muito importante essa arte ligada a uma veneração da cultura, e não a arte com um conceito afastado, mas uma arte que me traz esse sentimento de religar em mim, de estar religada a Deus, a minha cultura, ao meu povo e a natureza que me envolve. Essa é minha lembrança cultural e artística mais intensa e isso eu reflito muito quando eu estou com as minhas crianças fazendo a roda rítmica. Eu trago uma série de poemas e músicas que a gente desenha com isso que está acontecendo com a natureza em volta. Quando eu trago isso para as minhas crianças, na minha manifestação, eu trago junto a memória da minha infância.

B: Que gostoso... Como que é a sua rotina, tirando aqui a escola? A arte participa da sua rotina?

V: Como eu sou formadora de professores, eu tenho uma prática artística constante...

B: Legal...

V: Meu marido também é professor Waldorf, e ele é muito relacionado com a pintura, a gente pinta em casa, a gente tem as aquarelas; tenho uma filha pequena de 6 anos e tenho um de 17, já tento cultivar o ambiente artístico em casa. Eles se soltam e a gente tem os encontros nos domingos, que a gente chama de dominical, onde cada um apresenta o que está fazendo: uma música, uma poesia...

B: Dentro de casa mesmo?

V: Em casa, aos domingos, meu marido também é nordestino e isso só reforça, a gente tem uma cultura de casa, que a gente vive intensamente a formação do professor Waldorf, nós dois somos formadores, então, a gente pinta, a gente tá sempre inventando algumas coisas, recortando alguma coisa. Então, lá em casa a gente respira um pouco esse ambiente artístico. E eu criei um ator, meu filho mais velho é um ator nato, tem um monte de dificuldade em matemática, mas ele pega um texto, ele é capaz de recriar todo um textual, atuar...

B: Isso até reflete em você como mãe, né? Que legal!!! E, assim, só pra gente terminar, na minha pesquisa, eu tô parando pra pensar nessa professora que trabalha com esse jardim de infância, quando me refiro as crianças de 0 a 6 anos, e entro na pergunta, se essa professora é primeiro professora para depois ser artista ou se ela é primeiro artista pra depois ser professora, ou se isso

V: Eu não consigo compreender a educação desvinculada de uma auto-educação que a arte promove. Então, para mim a figura do professor e da arte ela se mistura, se completa e a educação, antes de tudo é auto educação. Se você está promovendo a educação de um grupo, e eu já trabalhei com as crianças de 0 a 6, que a gente chama de primeiro setênio, já levei uma turma até o 8º ano, já levei outra até o 5º ano e trabalho com adultos em formação de professores, e eu sempre me deparo com isso: a educação é auto-educação, principalmente com criança, a gente cria um ambiente, ele tem que ser estético, artístico, lúdico, para que o outro ser humano se desenvolva. Na verdade, quem se educa é a própria criança, o ambiente gera o útero onde isso é possível, então, eu não consigo desvincular, na minha vivência, nos meus 23 anos de magistério, eu tenho 39, 23 eu me dedico só a

educação. E eu não consigo desvincular a atuação do professor, tudo o que ele faz tem uma relação artística, desde a hora que ele está apresentando um conteúdo formal, desde a hora, então, que ele está apresentando a física, a matemática, uma química, literatura. Tudo isso tem um viés da condição do homem, transmitindo, transferindo esses conhecimentos e só quem fala na alma do homem é a postura artística e isso pra mim é minha vida e minha prática. Eu só posso ser professor, se eu tiver em mim manifestações artísticas, se eu conseguir compreender o meu aluno também num processo artístico de automodelagem porque as crianças estão se modelando... E é bem o que a escola Waldorf tenta trazer pro professor: toda educação é educação artística... A arte da matemática, você viu aí? (Se referindo as apresentações que tiveram na festa de semestre em que estávamos).

B: Vi...

V: Então, eu vou apresentar tabuada, tem toda uma movimentação com o corpo, vou apresentar química, a combustão do fogo... Claro que eles vão chegar em um conceito, mas o caminho para a alma do homem é sempre a arte.

B: Legal, que lindo! E, só pra terminar, eu queria saber, você disse que faz a formação, mas a escola onde você está também propõe isso, porque sei que desde encontros até reuniões, que poderiam ser um lugar que só se resolvessem coisas burocráticas, é muito artística...

V: Sim, não pode ser apartado também com a gente, faz parte das reuniões dos professores chegar e se colocar diante da arte do encontro, você precisa encontrar o outro. Nas reuniões a gente tem também essa preocupação de como nos sensibilizar, porque a coisa mais difícil hoje é a convivência, as idéias diferentes, na nossa escola que não tem um chefe, um patrão, uma direção ou uma coordenação que manda na gente, se a gente não tiver um ambiente artístico, fica uma ingovernabilidade, então, nós encontramos como seres, também através da arte. Muitas vezes, nós resolvemos um problema, antes da questão prática, porque a gente teve um encontro artístico primeiro. E isso também conta muito, e encurta caminhos.

B: Com certeza.... Vanda obrigada por me acolher nessa entrevista, por me dispor de seu tempo, e por acreditar na arte como fonte para a pedagogia da infância.

V: Se quiser visitar a gente pode vir...

B: Obrigada, eu quero sim...

Entrevista N°03

Nome: Anna Marie Holm

Formação: Artes Plásticas e Pedagogia

Profissão ou Função: Artista Plástica e Professora, membro do Danish of Visual Artist (BKF) e do Danish Authors Society (DFF)

País: Dinamarca

Data da Entrevista: 04/10/2010

Lugar da Entrevista: Entrevista por e-mail

Legenda: B – Entrevistadora, AM – Entrevistado

B: Na sua opinião, qual é a importância da arte para a educação infantil?

In your opinion, how art is important for children in the kindergarden?

AM: Novamente, eu defino arte como um método de experimentação. Algo de fundamental importância é ser aberto para tudo que voce experimenta, mesmo sem compreender tudo que se passa. Deixar o campo da arte ser um local onde a vida pode chegar com tudo que ela tem a oferecer. É como ser audacioso para fazer o que não é “correto” (usual), fazer o que é alternativo. Estar junto neste processo é o sentido dele. Em arte isto é exatamente o que estamos fazendo com cada um. O trabalho aparece no momento em que estamos todos juntos. As histórias aparecerão em torno das coisas que fazemos juntos. Lugares interagem com materiais, crianças, tempo e adultos. Nunca será a mesma história. É muito bonito. Nós introduzimos arte jogando (brincando) e através de diferentes pontos de vista. Arte não é externa; interaje com toda nossa vida. Barbara, eu penso que crianças no jardim da infância não entendem se existe uma parede entre arte e a vida. A criança conecta vida e arte. A maneira como uma pequena criança aproxima o mundo é artístico quando ela vê isso como algo natural. Com a espontaneidade e a sensibilidade, crianças são naturalmente capazes de estarem num campo (local) indeterminado. Com a arte, uma inesperada experiência sensorial ocorre. Convivendo com o inesperado. Podem haver formas, bem como objetos disformes. Talvez estejam apenas lá. É uma maneira de aproximar o mundo. No campo das artes há espaço pra todos. Tem de ser espontâneo. Não podemos planejar. Temos

que estar pronto pra isso. Nós preferimos fazer da maneira como estamos acostumados. Assim, o processo artístico não aparece. O que não parece ser importante em primeiro plano é o que fazemos crescer.

AM: Again : I define art as a method of experimentation. A thing of fundamental importance is to be open to everything you experience without fully understanding it. Let the artistic field be a place where life can arrive with everything it has to offer. It is about daring to do what isn't correct, to do what is alternative. Being together in the process is the meaning itself. In art that is exactly what we are doing with each other. The work appears in the moment that we are together. The stories will appear around the things we do together. Places interact with materials, children, the time, the adult person. It will never be the same story. It is so beautiful. We introduce art by playing and through unusual points of view. The body, playing, language and being together all come together. Art isn't outside. It is interacting with all of life. The body, playing, language and being together all come together. Art isn't outside. It is interacting with all of life. Barbara, I think that small children in the kindergarden, they don't understand if there is a wall between art and life. The small children connect life and art. The way that a little child approaches the world is artistic when we perceive it as a natural curiosity. With their spontaneity and sensitivity children are naturally capable of being in an undefined field. With art an unexpected sensory experience takes place. Dealing with the unexpected. It can have form as well as non-form. Maybe it's just there. It's more about a way of approaching the world. In the artistic field there is room for everyone. It has to be spontaneous. We can't plan it. We just have to be ready for it. We prefer doing it the way we're used to. But then the artistic process doesn't appear. That which might not seem important at first glance is what we make bigger.

B: Você poderia me descrever sua rotina?

Could you describe your routine?

AM: Eu não trabalho com crianças e arte no mesmo lugar. Eu não tenho uma rotina.

AM: I don't work with children and art at the same place. So I don't have a routine.

B: Qual a sua lembrança mais antiga de atividade artística?

What is your oldest memory regarding to the artistic activity?

AM: Acho que você quer dizer a primeira atividade artística que lembro?

Nos meus tempos de escola, um pequeno estojo contendo lápis e uma pequena caixa com giz de cera. Os gizes eram gradualmente cobertos e colocados numa pequena bolsa de pano. Certo dia, no final do meu quarto ano de escola, sentada numa das aulas de pintura, peguei da bolsa um pequeno pedaço de um giz que estava no final. Eles eram incríveis (mágicos). Acredito que foi neste momento que percebi que poderia fazer algo especial com formas e cores. Era como se as paredes do quarto estivessem sido abertas. Os gizes eram moles e maleáveis. As cores eram fortes e intensas. Eu aplicava cores em camadas depois de camadas orgânicas. Eu lembro que eu estava totalmente focada nisso. Então, o professor aproximou-se e descobriu o que eu estava fazendo. O pedaço de giz foi retirado de mim. Isso está errado – disse o professor, o momento mágico foi perdido. Hoje em dia, todas as cores são dadas as crianças, mas sempre sob supervisão. Eu acredito que vários bons experimentos teriam sido desenvolvidos se professores não gastassem tanto tempo e energia olhando crianças, ao invés de deixá-las tentarem usar cores da maneira que quisessem.

AM: I think you mean my first **conscious** artistic activity?

In my school days materials consisted of a little pencil case containing pencils and a little box of hard crayons. The crayons were gradually worn down and put into a little cloth bag. I was once sitting in a drawing class at the end of my fourth year of school. I had the little cloth bag and I picked out some of the fatter stumpy crayon ends. They were magical. I think it was this moment that I realised I could do something special with shapes and colours. It was as though the walls of the room had opened. The crayons were soft and pliable. The colours were intense and strong. I applied colour in layer after layer in organic forms. I remember that I was totally engrossed by this. Then the teacher came over to me and discovered what I was doing. The crayon ends were taken away from me. "That must be a mistake," said the teacher- the moment of magic was lost. Today children are given all the colours, but often under supervision. I believe that many good experiments by children would develop if teachers did not use so much time and energy watching children and instead let them try colours out for themselves.

B: Você tem alguma atividade artística regular?

B: Do you have any regular artistic activity?

AM: A Arte com crianças é tudo e pode ser feita em qualquer lugar. Para mim, arte é pesquisa. É uma ferramenta para investigação. Eu nunca começo "seguindo um modelo". Arte é fazer coisas erradas. É irracional.

AM: Art with children can be everywhere and everything. For me art is research. It is a tool for investigation. I never start regular. Art is to do wrong things. It is irrational.

Autorização

Eu, professora _____ autorizo a aluna Bárbara Rúbia de Oliveira Fulconi, utilizar minhas palavras concedidas em entrevista e minhas imagens em seu trabalho de conclusão de curso, por saber que faz parte de sua pesquisa.

Assinatura e Rg.

BIBLIOGRAFIA

- ALBANO MOREIRA, Ana Angélica. **O espaço do desenho: a educação do educador**. São Paulo: Edições Loyola, 1984.
- ALBANO, Ana Angélica. **Tuneu, Tarsila e outros mestres... O aprendizado da arte como um rito de iniciação**. São Paulo: Plexus Editora, 1998.
- _____. A arte como base epistemológica para uma pedagogia da infância. In: **Caderno Temático de Formação II – Construindo a pedagogia da infância no município de São Paulo**. São Paulo, jan.2004, p.30-34.
- _____. Histórias de iniciação de arte. In: ORMEZZANO, G. (Org). **Educação estética: abordagens e perspectivas**. Em aberto, Brasília, DF, v.1, n. 77, 2007, p. 85-95.
- _____. Arte e pedagogia: além dos territórios demarcados. In: Arte na educação: pesquisas e experiências em diálogo. **Cadernos Cedes**, Campinas, vol.30, n. 80, jan - abr.2010a, p.26-39.
- _____. Pensando as artes visuais na educação. In: GONÇALVES, T.F e DIAS, A.R (Orgs) **Entre linhas, formas e cores - arte na escola**. Campinas, São Paulo: Papirus, 2010b, p. 49-63.
- CAMPANELLA, Fernando. **As chaves**. <http://spleenbored-minhaspoesiasfavoritas.blogspot.com/2007/09/as-chaves.html> Disponível em 17/10/2010
- CARVALHO, Paula Francisco Ourique de. **Arte na formação e atuação do pedagogo**. 61p. Trabalho de conclusão de curso (graduação). Faculdade de Educação – Unicamp, Campinas, São Paulo, 2009.

- DECICO, Cristina. **O encanto do encontro: O jogo de faz-de-conta nas relações de ensino**. 90 p. Dissertação de Mestrado. Faculdade de Educação – Unicamp, Campinas, 2006.
- DETTONI, José. **Arte como Personalização (Educação) da Pessoa (fundamentos Antropo - Estéticos da Arte - Educação)**. 148 p. Dissertação de Doutorado. Faculdade de Educação - Unicamp, Campinas, 1991.
- DIAS, M.C.M. **O papel da arte na educação infantil**. Cadernos de Formação Pec Formação Universitária Municípios, São Paulo, 2004.
- JUNG, Carl Gustav. Da formação da personalidade. In: **O desenvolvimento da personalidade**. São Paulo: Círculo do Livro Ltda, 1972.
- LEITE, Maria Isabel e OSTETTO, Luciana Esmeralda. Formação de professores: o convite da arte. In: **Arte, infância e formação de professores: Autoria e transgressão** / Luciana Esmeralda Ostetto, Maria Isabel Leite – Campinas, São Paulo: Papirus, 2004, p.11-24.
- OSTETTO, Luciana Esmeralda. "Mas as crianças gostam!" Ou sobre gostos e repertórios musicais. In: OSTETTO, Luciana E. e Leite, Maria I. **Arte, infância e formação de professores: Autoria e transgressão**. Campinas, São Paulo: Papirus, 2004, p.41-60.
- _____. **Educadores na roda de dança: formação-transformação**. 244p. Dissertação de doutorado. Faculdade de Educação – Unicamp, Campinas, São Paulo, 2006.
- _____. Para encantar, é preciso encantar-se: danças circulares na formação de professores. In: **Arte na educação: pesquisas e experiências em diálogo**. **Cadernos Cedes**, Campinas, vol.30, n. 80, jan - abr.2010, p.40-55.

- PACHECO, Adriana. **Janelas da Alma**. 77 p. Trabalho de Conclusão de Curso da Graduação. Faculdade de Educação – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2008.
- READ, Herbert. **Arte e alienação - o papel do artista na sociedade**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1968.
- SILVA, Caroline Cardoso. **Aprendendo a ver, alfabetizando o olhar**. 70p. Trabalho de Conclusão de Curso da Graduação. Faculdade de Educação – Unicamp, Campinas, São Paulo, 2003.
- TONUCCI, Francesco. **Com olhos de criança**. Trad. Patrícia Chittoni Ramos. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997.
- TAS, Marcelo. Feliz dia das crianças. Blog do Tas. http://marcelotas.blog.uol.com.br/arch2010-10-01_2010-10-15.html
Disponível em 12/10/2010.
- TRIERWEILLER, Pricilla Cristine. **A formação artístico-cultural do professor da educação infantil: Experiências, trajetórias e significações**. 214 p. Tese (Mestrado). Universidade Federal de Santa Catarina; Centro de ciências da educação; Florianópolis, p. 51-73.